



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI**  
**Departamento de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação**  
**Processos Sócio-Educativos e Práticas Escolares**

**UM ESTUDO SOBRE OS DESAFIOS DE ENSINAR FILOSOFIA**  
**NAS ESCOLAS COM ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE BARBACENA/MG**

Washington Luiz de Oliveira Soares

São João Del Rei,

Março de 2012

Washington Luiz de Oliveira Soares

**UM ESTUDO SOBRE OS DESAFIOS DE ENSINAR FILOSOFIA NAS ESCOLAS  
COM ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE BARBACENA/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal de São João Del Rei, Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Cardoso de Oliveira.

Universidade Federal de São João Del Rei

2012



Washington Luiz de Oliveira Soares

**“Um Estudo sobre os Desafios de Ensinar Filosofia nas Escolas  
com Ensino Médio na cidade de Barbacena/MG”**

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Wanderley Cardoso de Oliveira - Orientador

Universidade Federal de São João del-Rei – MG

---

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo – Titular

Universidade de Campinas

---

Prof. Dr. Laerthe Moraes de Abreu Júnior

Universidade Federal de São João del-Rei – MG

---

SÃO JOÃO DEL-REI

MARÇO DE 2012

*Dedico essa pesquisa a minha família, a minha esposa, e aos meus amigos, porque nunca me esquecerei de vocês durante a luta cotidiana para realizar meus sonhos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores, diretores, pedagogos e demais profissionais de educação que contribuíram para a efetivação dessa pesquisa. E ainda, aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del Rei, pelo auxílio no aperfeiçoamento teórico do trabalho. Um agradecimento especial ao professor Dr. Wanderley Cardoso de Oliveira, pela orientação ao longo de toda pesquisa possibilitando cumprir os objetivos planejados.

## RESUMO

O objetivo central da nossa pesquisa foi investigar os desafios enfrentados pelos docentes de Filosofia nas escolas com ensino médio na cidade de Barbacena/MG. Houve uma preocupação com a análise de práticas escolares relacionadas com o ensino de Filosofia a partir das dificuldades encontradas pelos professores dessa disciplina. Na composição da presente pesquisa há um breve histórico descrevendo episódios de idas e vindas da disciplina de Filosofia no ensino médio ao longo da história brasileira. Existe um capítulo dedicado à reflexão teórica do objeto investigado, em que o filósofo e professor Gilles Deleuze serviu como norte, sobretudo, a entrevista dada por ele à jornalista Claire Parnet. Para apresentar os resultados, utilizamos os dados adquiridos através de dois questionários, sendo um aplicado para diretores ou pedagogos e outro para professores de Filosofia. Com os dados fornecidos pelos questionários, apresentamos, no capítulo III, um panorama sobre a presença da disciplina de Filosofia nas escolas barbacenenses. O quarto capítulo realizamos as análises das entrevistas concedidas pelos professores que atuam no ensino médio. Entre os desafios existentes constatou-se a carga horária reduzida, professores de outras áreas do saber lecionando a Filosofia, a disposição da disciplina na grade horária, assim como, outros desafios expostos no trabalho.

**Palavras-chave:** Filosofia, Ensino Médio, Práticas Escolares.

## ABSTRACT

The central objective of our research was to investigate the challenges faced by teachers of philosophy in schools with high school in the city of Barbacena/MG. There was a concern with the analysis of school practices related to the teaching of philosophy from the difficulties encountered by teachers of subjects. In the composition of the present study is a brief history describing episodes of comings and goings of the discipline of philosophy in high school throughout history Brazilian. Existed a chapter devoted to theoretical investigation of the object in which the philosopher Gilles Deleuze and teachers served as the north, especially the interview given by the philosopher, journalist Claire Parnet. To present the results use the data acquired through two questionnaires, one applied to directors and educators and one for teachers the philosophy, with the data provided in the questionnaires presented in chapter III an overview of the presence of the discipline of in schools barbacenenses. And the concluding chapters, the fourth describes the analysis of interviews with teachers who work in high school. Among the challenge remaining was found to reduced workload, teachers of other disciplines teaching Philosophy, the provision of discipline in the timetable as well as other challenges exposed at work.

**Keywords:** Philosophy, High School, School Practices.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEB – Câmara de Educação Básica.

CNE – Conselho Nacional de Educação.

CBC – Conteúdo Básico Comum.

DSND – Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento.

EMC – Educação Moral e Cívica.

EPB – Estudo dos Problemas Brasileiros.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

MDB – Movimento Democrático Brasileiro.

OSPB – Organização Social e Política Brasileira.

PCN – Parâmetro Curricular Nacional.

PMMG – Polícia Militar de Minas Gerais.

PSB – Partido Socialista Brasileiro.

PT – Partido dos Trabalhadores.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – UM BREVE HISTÓRICO DA TRAJETÓRIA DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO BRASIL.....</b>	<b>15</b>
1.1 – A disciplina de Filosofia antes da proclamação da República.....	16
1.2 – O ensino de filosofia nas escolas brasileiras após a proclamação da república.....	19
1.3 – As reformas educacionais no início da primeira república e o ensino de filosofia.....	19
1.4 – O regime militar e a retirada da disciplina de filosofia das escolas.....	23
1.5 – A lei 11.684/08: A presença obrigatória da filosofia no ensino médio.....	24
<b>CAPÍTULO 2 – GILLES DELEUZE: O FILÓSOFO, A FILOSOFIA E O SEU ENSINO.....</b>	<b>27</b>
2.1 – Apresentação.....	27
2.2 – Gilles Deleuze: A preparação da aula de Filosofia.....	29
2.3 – Gilles Deleuze: Aulas no ensino médio.....	31
2.4 – Gilles Deleuze: O que é uma aula?.....	33
2.5 – Gilles Deleuze: A Filosofia cria conceitos.....	34
2.6 – Gilles Deleuze: O Filósofo, o conceito e o problema.....	36
<b>CAPÍTULO 3 – UM PANORAMA DAS ESCOLAS COM ENSINO MÉDIO EM BARBACENA.....</b>	<b>38</b>
3.1 – Considerações Iniciais.....	38
3.2 – As Escolas com Ensino Médio em Barbacena/MG.....	39
3.3 – O Efeito da Lei 11.684/08.....	41
3.4 – A primazia do Ensino Médio.....	43
3.5 – A Modalidade de Disciplina: Única Possibilidade?.....	45

<b>3.6 – Uma Aula na Semana: Será Suficiente?.....</b>	<b>47</b>
<b>3.7 – Pensando a Continuidade.....</b>	<b>49</b>
<b>3.8 – Como Pensar a Filosofia para Concurso?.....</b>	<b>51</b>
<b>3.9 – O Questionário dos Professores.....</b>	<b>53</b>
<b>3.10 – Por que Marilena Chauí?.....</b>	<b>54</b>
<b>3.11 – Diversidades de Temas.....</b>	<b>55</b>
<b>3.12 – Considerações finais.....</b>	<b>57</b>
<b>CAPÍTULO 4 – ANALISANDO AS ENTREVISTAS.....</b>	<b>58</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>75</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>77</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa representa o estudo sobre desafios enfrentados pelos professores de Filosofia nas escolas barbacenenses com ensino médio. Esse estudo teve como motivação a aprovação da lei 11.684/08 incluindo, no artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBE), um parágrafo determinando que todas as escolas em que os currículos são organizados em disciplinas devem, obrigatoriamente, oferecer a disciplina de Filosofia. Antes da lei 11.684/08 havia incerteza e ambiguidade com relação à necessidade da oferta de Filosofia no ensino médio; mas com o aparecimento de sua exigência nas escolas, professores e o Estado se viram diante da possibilidade de ampliar ou consolidar a presença da Filosofia para os alunos do ensino médio.

O professor Dalton José Alves (2002), antes mesmo da obrigatoriedade da Filosofia no ensino médio, escreveu uma obra sobre as ambiguidades e contradições da Filosofia na LDB, na qual ele afirma:

Incluir a filosofia como um componente curricular do ensino médio possibilitaria aos educandos que exercessem uma crítica radical e sistemática da própria concepção de mundo, do seu pensar, do seu agir no mundo, de seus valores e sentimentos mais profundos. (p 121-122).

O anseio do autor em ver a Filosofia incluída no ensino médio relaciona-se ao fato do livro ter sido escrito antes de 2008, mas percebemos na citação expectativas e preocupações quanto à possibilidade da Filosofia participar da grade curricular da educação básica.

A disseminação da Filosofia com a lei 11.684/08 intensificou os debates sobre seu papel, os obstáculos e as demandas para todos os envolvidos com a presença da Filosofia na escola. Na tentativa de participar das discussões sobre desafios e perspectivas existentes agora que a Filosofia, definitivamente, chegou à escola média, a professora Tânia Gonçalves (2011) escreveu, recentemente, um livro, no qual lemos o seguinte:

A Filosofia na escola média não é uma disciplina especial. É apenas mais uma no currículo e deve compor com as demais certa positividade curricular. Entretanto, seu trabalho com conceitos fundadores e o questionamento da manutenção dos valores vigentes joga, fatalmente, a Filosofia na negatividade, no sentido de não aceitar como óbvias e evidentes as ideias, os fatos, as situações, os valores e os comportamentos de nossa existência sem investigação prévia. Essa negatividade da

Filosofia pode ser usada no sentido de reafirmar sua positividade mediante as exigências atuais do mercado, mas ainda assim promoverá confronto e instabilidade – esse modo de ser da Filosofia angaria adversários, dentro e fora das instâncias decisórias da política educacional. (p 46-47).

A professora Tânia Gonçalves destaca no texto que a Filosofia será muitas vezes valorizada pelo seu caráter questionador; mas, pela mesma razão, terá muitos adversários capazes de produzir diversos desafios para seus docentes.

Nossa investigação sobre os adversários da Filosofia e dos desafios existentes centrou-se nas escolas barbacenenses, e a escolha da cidade de Barbacena como ponto geográfico da pesquisa relaciona-se com nosso passado como professor de Filosofia. No período de 2004 a 2006 lecionei a disciplina de Filosofia no ensino médio de duas instituições escolares, já naquele momento fui capaz de perceber o quanto era desafiante lecionar Filosofia e com a expansão da presença da Filosofia em todas as escolas barbacenenses, com ensino médio, surgiu à intenção de investigar os impactos de sua ampliação.

Como metodologia de pesquisa utilizamos os recursos de questionário e entrevista semiestrutura. Os questionários foram dois, sendo um direcionado para os diretores ou pedagogos e o outro para os docentes de Filosofia, tendo o primeiro procurado adquirir informações sobre as características da disciplina no cotidiano da escola, e o segundo procurou reconhecer traços do perfil dos docentes de Filosofia. Os questionários subsidiaram a confecção do terceiro capítulo visando destacar características das escolas e dos professores de Filosofia, e assim, permitiu esboçar um panorama da atual situação da Filosofia nas escolas barbacenenses.

As entrevistas semiestrutas foram feitas com alguns docentes de Filosofia. O recurso da oralidade pareceu-nos um método significativo para nossa pesquisa na medida em que são relatos de professores envolvidos com a responsabilidade de ensinar Filosofia, e envolvidos com as exigências legais ou debates quanto à chegada da disciplina. Esses relatos contribuíram para elaborar o quarto capítulo, caracterizado pela liberdade dada ao docente para expressar os problemas e demais demandas enfrentadas na sala de aula.

O primeiro capítulo retrata algumas características históricas da trajetória da disciplina de Filosofia na educação brasileira. A principal preocupação ao descrever momentos históricos da disciplina foi demonstrar que a chegada da Filosofia no currículo do ensino médio não se trata de um fato inédito, mas ao mesmo tempo a cada período em que ocorreu sua presença

teve uma característica. Se a presença da Filosofia não é inédita na história da educação brasileira, em contrapartida, a lei 11.684/08 não deve ser reduzida a um mero retorno da Filosofia. Como escreveram os professores Silvio Gallo e Roberto Goto (2011):

No exame histórico da disciplina, cumpre considerar que a recém-introduzida obrigatoriedade não pode ser tomada, a rigor, como um retorno, uma vez que a Filosofia nunca chegou a gozar de uma presença institucionalmente estável no currículo do ensino médio. (p. 11).

Ou seja, a Filosofia não chega pela primeira vez nas escolas, mas pela sua obrigatoriedade ela chega exigindo do Estado um comprometimento maior com sua presença.

No segundo capítulo, procuramos elaborar uma reflexão teórica sobre questões relacionadas com o desenvolvimento da pesquisa. Neste sentido, optamos pelo filósofo francês, Gilles Deleuze. Essa escolha visou adotar um ponto de partida teórico e foi motivada pelas experiências de G. Deleuze como professor de Filosofia, seja no ensino médio, seja na Universidade. Para mim, ele representa a figura de um intelectual que atuou como um pêndulo entre o educador e o filósofo, uma síntese do professor envolvido com o ato de ensinar e o pensador engajado nas questões colocadas pela tradição filosófica. Nesse capítulo, utilizamos sobretudo as entrevistas em que Gilles Deleuze expõe opiniões sobre sua visão de escola, professor, aula, ensinar filosofia, entre outros assuntos característicos do intercâmbio entre a Filosofia e ensinar filosofia.

Os questionários respondidos pelos diretores ou pedagogos e por professores de Filosofia foram utilizados para elaboração de um panorama do contexto atual da Filosofia nas escolas barbacenenses com ensino médio. Não se trata de um capítulo estatístico; pois, embora apresentemos nele números e quadro, os dados expostos têm o objetivo de auxiliar na percepção da presença da Filosofia nas escolas pesquisadas, e também nas análises que procuram relacionar o panorama da Filosofia com os desafios emanados do contexto existente.

Alguns professores foram entrevistados para elaboração do quarto capítulo, sendo que a escolha dos entrevistados baseou-se na análise das respostas fornecidas no questionário direcionado aos docentes. Foram entrevistados três docentes com os seguintes perfis: um professor de Filosofia que leciona no ensino médio e na Faculdade; um professor há muitos anos atuando no ensino médio e uma professora graduada em História que leciona Filosofia. No capítulo quatro a intenção foi oferecer um espaço para os docentes falarem como lidam

com a tarefa de ensinar filosofia. A intenção de recorrer à oralidade visou capturar detalhes da prática pedagógica do docente relacionados com suas concepções de ensino, escola, filosofia, assim como, outros elementos ligados à prática docente. As entrevistas foram gravadas e transcritas, partindo de categorias escolhidas, anteriormente, para selecionar momentos significativos das falas, que auxiliavam na investigação proposta na pesquisa, ou seja, estudar desafios enfrentados pelos docentes de Filosofia.

Portanto, essa pesquisa integra um esforço, intensificado após a aprovação da lei 11.684/08, para consolidar a presença da Filosofia no ensino médio. Se nosso olhar voltou-se para os desafios enfrentados pelos docentes, muitas outras questões poderiam ser investigadas nesse momento de obrigatoriedade; mas, naquilo que nos propomos, procuramos auxiliar para que o ensino de Filosofia torne-se conteúdo importante na formação dos alunos da escola média.

## CAPÍTULO 1

### UM BREVE HISTÓRICO DA TRAJETÓRIA DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO BRASIL

A presença de qualquer disciplina na escola raramente é contextualizada pelos professores responsáveis pelo conteúdo ensinado, porque ao ser ministrada na sala de aula pouco ou nada se fala aos alunos das motivações de sua existência como disciplina. Com o ensino de Filosofia nas escolas não é diferente, os alunos acabam estudando Filosofia sem conhecer os acontecimentos históricos relacionados com a presença da disciplina na escola. Não se pode perder de vista que o ato de difundir algum conteúdo através de uma disciplina escolar muitas vezes cumpre uma necessidade social, econômica ou política.

Segundo Bittencourt (1998, p.10):

A presença de cada uma das disciplinas escolares no currículo, sua obrigatoriedade ou sua condição de conteúdo opcional, e ainda, seu conhecimento legitimado por intermédio da escola, não se restringe a problemas epistemológicos ou didáticos, mas articula-se ao papel político que cada um desses saberes desempenha ou tende a desempenhar, dependendo da conjuntura educacional.

A professora Circe Maria Fernandes Bittencourt chama atenção para a relação entre a presença de uma disciplina na sala de aula e a “conjuntura educacional” que impulsiona sua existência. Se, para os alunos do ensino médio, a trajetória histórica da disciplina de Filosofia é omitida, nessa pesquisa torna-se fundamental apresentar o desenvolvimento histórico da disciplina de Filosofia no Brasil, sobretudo nas escolas, até mesmo para uma melhor compreensão da lei 11.684/08 no cotidiano escolar de instituições com ensino médio.

Com a aprovação da lei 11.684/08, muitas escolas brasileiras introduziram o ensino de Filosofia ou ampliaram sua carga horária semanal, de modo que, para as recentes gerações, a Filosofia aparece como novidade. Mas, na realidade, a presença da Filosofia nas escolas brasileiras é secular, marcada, entretanto, pela variação entre presenças e ausências.

Esse capítulo, portanto, pretende apresentar alguns momentos relevantes para uma verificação da “conjuntura educacional” relacionada com o ensino de Filosofia na História da Educação Brasileira. Tentaremos demonstrar que a presença da disciplina de Filosofia nas escolas com ensino médio não se trata de um fato novo e surpreendente.

### 1.1 – A disciplina de Filosofia antes da Proclamação da República

Alguns temas filosóficos aparecem como conteúdo escolar no Brasil desde a chegada dos jesuítas no território brasileiro. Os jesuítas lecionavam nos Colégios e Seminários do Brasil colonial organizando o ensino em quatro modalidades:

a) *Curso Elementar*: Baseava-se no ensino das primeiras letras (ler, contar e rezar), assim como, auxiliava na difusão da catequese católica. Os índios, brancos pobres e negros conseguiam participar somente dos cursos elementares, pois não se oferecia a esses grupos sociais a oportunidade de prosseguir com os estudos;

b) *Curso de Humanidades*: Um curso realizado em latim voltado para o estudo da gramática, humanidades e retórica. A participação nesse nível de ensino exigia um custo financeiro alto e apenas os filhos dos homens ricos do Brasil colonial conseguiam participar do curso de humanidades.

c) *Curso de Artes*: Esse curso também era conhecido como Curso de Ciências Naturais ou de Filosofia, entre os conteúdos ministrados no curso estavam Ética, Lógica e Metafísica.

d) *Curso de Teologia*: Um curso que conferia o grau de doutor e voltava-se, sobretudo, ao estudo da doutrina católica.

Na descrição das quatro modalidades de cursos oferecidos pelos jesuítas, constata-se a presença da Filosofia, principalmente, através de temas recorrentes nas discussões filosóficas como: **Ética, Metafísica e Lógica**. O ensino jesuíta nos permite identificar, já na fase colonial brasileira, o estudo de questões filosóficas, apesar da reflexão filosófica limitar-se naquele momento a um pequeno grupo da sociedade, os filhos dos homens bons, possuidores das condições de progredir para além do curso elementar. Outra característica importante do ensino de Filosofia no período dos jesuítas era sua relação com a doutrina católica na medida em que a fundamentação teórica do catolicismo era a filosofia cristã.

No ano de 1750, torna-se ministro de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal, e durante sua administração o Estado Português sofreu mudanças profundas, porque o Marquês de Pombal representava os interesses de uma burguesia lusitana emergente e tinha entre suas metas políticas eliminar a influência da Igreja Católica na condução do Governo de Portugal. As reformas políticas realizadas por ele repercutiram no



Brasil, inclusive na condução do ensino jesuítico, porque os membros da Companhia de Jesus foram expulsos das colônias portuguesas.

A expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas representou uma das medidas administrativas de Pombal visando constituir um Estado Português laico, característico do pensamento liberal difundido pela burguesia europeia no início do século XVIII. A Igreja Católica perdia influência política na Europa naquele momento e o perfil evangelizador dos inicianos representava uma ameaça às pretensões burguesas de expansão do Estado Liberal a todos os países europeus, assim como, as suas colônias.

Com a saída dos jesuítas do território brasileiro, uma nova proposta de ensino foi implantada: **as aulas régias**. Nelas, um professor laico contratado pelo governo português ministrava um conteúdo específico, muitas vezes as aulas eram na residência do professor, e acessível apenas para aqueles com condições de pagar pelas aulas. A Filosofia passa a ser lecionada como aula régia e, comparando com os cursos oferecidos pelos jesuítas, essa nova modalidade de ensino ofereceu maior autonomia em relação à doutrina católica, como afirma Gonçalves (2011, p.27):

Lecionada pelos jesuítas, a partir do *Ratio studiorum*, a Filosofia estava marcada pela fidelidade, de caráter oficial, ao pensamento de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino. Essa condição conheceu variações e até mudanças com a expulsão dos jesuítas, e algumas linhas filosóficas de origem francesa passaram a ter presença mais significativa, abrindo novas perspectivas para a Filosofia no Brasil, mas tais linhas chegaram ecléticas e eloqüentes, dando um sentido ornamental a esse saber.

O ecletismo citado pela professora Tânia Gonçalves e as aulas régias implantadas pelo Marques de Pombal modificaram as propostas de ensino de Filosofia no Brasil colônia pós-jesuítas, mas o caráter ornamental e mesmo o formato de **aula régia** não ampliou o acesso ao conteúdo filosófico. Semelhante à fase jesuítica, a Filosofia permanecia restrita a poucos integrantes da sociedade colonial.

Mesmo com as aulas régias implantadas e a expulsão dos jesuítas da colônia, o bispo de Olinda, no período de 1779 a 1802, Dom José Joaquim de Cunha Azevedo Coutinho, tentou salvaguardar a Filosofia nas instituições católicas. No Seminário de Olinda, a Filosofia permaneceu como disciplina, mas seu ensino era concebido como ciência natural. O filósofo, na concepção de Dom José Joaquim de Cunha, deveria ser um desbravador dos sertões, responsável pelo estudo do território brasileiro. O Seminário de Olinda representou, em pleno período pombalino, um esforço para manter o ensino de Filosofia no interior de instituições

católicas; mas, paradoxalmente, ao conceber a Filosofia como ciência natural, o currículo do Seminário de Olinda relacionou-se a ascensão do pensamento racional surgido na Europa.

Na data de 1808, o príncipe Dom João VI navega com sua família rumo ao Brasil Colônia fugindo do ataque executado pelo exército napoleônico ao território português. Residindo no território brasileiro, Dom João VI desencadeou decisões que causaram impactos políticos e econômicos. No aspecto educacional, houve estímulo ao ensino superior com a criação das primeiras Faculdades, uma delas a Faculdade de Medicina, entretanto no âmbito do ensino escolar, o modelo pombalino, com aulas individualizadas, chamadas de aulas régias, não foi substituído com a chegada do príncipe lusitano. O acesso ao ensino superior ocorria através de exames de seleção e, como muitos brasileiros não conseguiam financiar os custos com as aulas de preparação, mantinha-se restrito aos homens possuidores de riqueza. A Filosofia constava como matéria de alguns exames preparatórios de Faculdades da época, o que gerava algum interesse em estudá-la.

O caso do Colégio Pedro II merece destaque, porque o regulamento de 31 de Janeiro de 1838 estabelecia que o ensino secundário fosse cursado em oito séries no período de oito anos, sendo a Filosofia conteúdo ministrado na 5ª e 6ª série. O aluno não obtinha aprovação nas disciplinas isoladamente, para sua progressão escolar deveria adquirir aprovação em todas as disciplinas. No ano de 1841, ocorre a redução para sete anos no período de formação no Colégio Dom Pedro II, a Filosofia estava entre os conteúdos lecionados no último ano.

Quando observamos o ensino de Filosofia nas escolas antes da Proclamação da República no Brasil, percebemos uma presença constante do estudo filosófico, apesar das divergências quanto ao modo de aplicação da disciplina. Outra característica marcante na fase pré-republicana do Brasil foi o caráter excludente da disciplina de Filosofia, na medida em que o acesso ao conteúdo filosófico restringia-se aos homens capazes de pagar pelos custos com seus estudos. Na próxima seção, descrevemos as características do ensino de Filosofia após a implantação do Estado Republicano no Brasil. A Filosofia com a chegada da República oscilou entre presença e ausência, ou seja, diferente daquilo que ocorreu na fase colonial e monárquica, nem sempre a disciplina de Filosofia esteve presente nas escolas. O mérito da República, apesar das oscilações entre presença e ausência, está em que, nas oportunidades nas quais a disciplina foi oferecida, o acesso às aulas de Filosofia mostrou-se menos restrito do que nas fases históricas pré-republicana.

## **1.2 O Ensino de Filosofia nas Escolas Brasileiras após a Proclamação da República.**

Na seção anterior procuramos mostrar que a disciplina de Filosofia ou os temas filosóficos estão presentes na educação brasileira desde a implantação do modelo jesuíta de ensino, passando pelas aulas régias impostas pelo marquês de Pombal ou experiências isoladas como a observada no Colégio Pedro II.

Antes da Proclamação da República, o ensino de Filosofia variou nos métodos de aplicação do seu conteúdo e nas formas de organização da disciplina nas instituições de ensino, mas apesar das variações não houve o abandono do ensino de filosofia. Com a Proclamação da República, inicia-se na história da disciplina de filosofia, uma trajetória marcada pelas oscilações entre presença e ausência, ou seja, o conteúdo filosófico, muitas vezes, foi retirado das escolas durante a história republicana brasileira. Na presente seção, serão apresentados três momentos distintos da história republicana do Brasil que ilustram as oscilações, apesar de não esgotarem o panorama entre presença e ausência, e também demonstram as controvérsias relacionadas com o ensino de Filosofia nas escolas do Brasil Republicano. Os três momentos destacados são: **1** - As Reformas educacionais no início na Primeira República; **2** - A LDB n° 5.692/71, elaborada no período da República Militar; **3** – A presença obrigatória da disciplina de Filosofia depois da aprovação da lei 11.684/08 nas escolas com ensino médio.

### **1.3 – As Reformas Educacionais no Início da Primeira República e o Ensino de Filosofia.**

Com a instauração do regime republicano no Brasil, após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, algumas lideranças envolvidas com a mobilização do movimento republicano assumiram posições estratégicas no governo instaurado com a queda da monarquia. Nos primeiros anos da República, as escolas tornaram-se indispensáveis para a disseminação dos ideais defendidos pelos republicanos, porque os republicanos interpretaram que as escolas seriam a sede do processo de mobilização da sociedade brasileira através da implantação do ensino baseado na valorização da moral e da civilidade. Conforme descreve Vicentini e Lugli (2009, p.213):

Tradicionalmente, a historiografia da educação brasileira assinala a Proclamação da República, em 1889, como o marco de criação e expansão da escola para o povo (...). De fato, a instauração de um novo regime político prometeu, entre outras iniciativas, implementar a instrução pública no país, elevando a nação aos patamares dos países tidos como mais civilizados.

Os autores destacam, na totalidade do texto citado, que a implantação da concepção republicana de escola no Brasil foi gradual e muito das estruturas escolares anteriores à República foram mantidas, mas também destacam o fato dos anos iniciais da República marcar no surgimento de uma visão estratégica da escola na sociedade brasileira.

A posição estratégica dada às escolas no início da Primeira República motivou a organização de um ensino público com a finalidade de atender às demandas políticas do governo republicano. O papel do ensino público para os republicanos foi descrito por Alves (2002, p.25) da seguinte forma:

Quanto à educação escolar pública, esta agora passava a ter prerrogativa do Estado e não mais dos colégios católicos, e seria laica nos estabelecimentos de ensino estatais. Com a instauração da República, o ensino escolar, que desde a Colônia esteve de uma forma ou de outra sob os “cuidados” da Igreja Católica, responsável neste aspecto pela reprodução da ideologia do Estado monárquico, passa ser “cultivado”, agora, pelos positivistas, que e tornam os “novos ideólogos do poder”.

O incipiente governo republicano, para garantir uma educação escolar pública voltada para os interesses daqueles que Dalton Alves chama de ‘novos ideólogos do poder’, criou o Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos com a finalidade de coordenar a implantação das políticas educacionais do Estado republicano. Os ministros responsáveis por este novo ministério foram porta-vozes de um regime antimonárquico e representavam lideranças motivadas na política pelo modelo positivista de organização da sociedade. Havia, nesses anos iniciais da Primeira República, uma euforia diante das possibilidades de novas políticas públicas geradas com a queda da monarquia, e cada ministro indicado pelo governo republicano assumia o Ministério da Instrução Pública chamando para si uma Reforma na educação. A cada ministro uma Reforma, em cada Reforma, ocorriam modificações nas formas e conteúdos da educação brasileira. No caso específico do ensino de Filosofia, cada Reforma introduzida repercutiu de maneira distinta na relação entre presença ou ausência da disciplina de Filosofia nas escolas.

A primeira reforma educacional na República ocorreu com o decreto n° 981, de oito de novembro de 1890, elaborado pelo ministro Benjamin Constant. Ela representou um duro golpe no ensino de Filosofia, porque o decreto determinava no seu artigo 3° quais seriam as disciplinas aplicadas nas escolas primárias do 1° grau, sendo elas:

Leitura e escrita, ensino prático de português; contar e calcular; sistema métrico; geografia e história (especialmente do Brasil); lições de coisas; física e história

natural; instrução moral e cívica; desenho; música; ginástica; trabalhos manuais (meninos) e trabalhos com agulhas (meninas); noções de agronomia. (BRASIL, 1890).

Na leitura do artigo 3º do decreto nº 981, percebe-se a ausência da disciplina de Filosofia das escolas com 1º grau na medida em que não constava a Filosofia entre as disciplinas do currículo escolar. Ainda nesse decreto, o artigo 4º dissertava sobre as disciplinas das escolas primárias do 2º grau, que seriam:

Caligrafia, português, elementos de língua francesa, aritmética, álgebra, geometria e trigonometria, geografia e história (particularmente do Brasil), elementos de ciências físicas, história natural aplicada às indústrias, agricultura, higiene, noções de direito pátrio e de economia política, desenho, música, ginástica e exercícios militares, trabalhos manuais (para meninos) e trabalho de agulha (para as meninas). (BRASIL, 1890).

O artigo 4º não citava a disciplina de Filosofia e com isso ficava ausente também do currículo do 2º grau. Os artigos 3º e 4º da Reforma Benjamin Constant retiravam do ensino escolar a necessidade de oferecer o conteúdo filosófico.

O mesmo decreto nº 981 foi responsável pela retirada da disciplina de Filosofia de outros níveis de ensino, porque conforme o seu artigo 12º as Escolas Normais deveriam oferecer ensino de Sociologia e Moral não sendo exigido o ensino de Filosofia e, ainda, no artigo 26º constava que o Ginásio Nacional ofereceria o ensino de Sociologia (7º ano) e moral (6º ano).

Os primeiros anos de Estado Republicano não contribuíram com o ensino de Filosofia porque, na Reforma Benjamin Constant, a Filosofia ficou ausente das escolas perdendo sua presença para o conteúdo de Sociologia.

Após onze anos da Reforma de Benjamin Constant, houve mudanças positivas para o ensino de Filosofia tendo em vista sua substituição pela Reforma Epiácio Pessoa. Com Epiácio Pessoa, como ministro, houve, entre suas medidas educacionais, o decreto nº 3.914 de vinte e seis de janeiro de 1901. Com ele, introduziu-se o ensino de lógica no 6º ano do Ginásio Nacional e a retirada do ensino de Sociologia. No artigo 9º do decreto nº 3.914 havia ainda a descrição do programa de cada disciplina, tendo no inciso XI a seguinte descrição para o ensino de Lógica:

A lógica, no seu domínio real e formal, restringir-se-á ao estudo elementar da marcha afetiva da inteligência humana no descobrimento, demonstração e transmissão da verdade, e às leis invariáveis que regem os fenômenos intelectuais; compreendendo: meditação indutiva, meditação dedutiva, classificação das ciências e métodos correlativos. (BRASIL, 1899).

O retorno da Filosofia às escolas, ao entrar em vigor a Reforma Epitácio Pessoa, foi tímido, porque se reduzia ao estudo da Lógica, mas avançou na comparação com a Reforma Benjamin Constant pela valorização de um conteúdo específico da Filosofia. Assim, o conteúdo de lógica nas escolas nos permite dizer que a Reforma Epitácio Pessoa manteve a sobrevivência da Filosofia nas escolas brasileiras do começo do século XX.

O avanço trazido pela Reforma Epitácio Pessoa não durou muito, porque com a nomeação do novo ministro da Instrução Pública, Rivadávia da Cunha Corrêa (1910-1914), ocorreu a retirada do ensino de Lógica no Ginásio Nacional.

No ano de 1915, entra em vigor a Reforma Carlos Maximiliano, através do decreto nº 11.530 em 18 de março de 1915, e com ela a disciplina de Filosofia tornou-se facultativa, porque no artigo 166º do decreto ao descrever as disciplinas que deveriam constituir o currículo básico do curso ginásial na forma facultativa, tinha-se: a Psicologia, Lógica e a História da Filosofia. Curiosamente, o decreto nº 11.530 no artigo 166º facultava o ensino de Filosofia no curso ginásial, mas no seu artigo 81º exigia nas provas orais para o exame vestibular o conhecimento dos Elementos da Psicologia e História da Filosofia, ou seja, apesar de disciplina facultativa o mesmo decreto impunha ao candidato ao vestibular demonstrar conhecimentos básicos de História da Filosofia.

Percorrendo a trajetória entre presença e ausência da disciplina de Filosofia nos anos iniciais da Primeira República chegamos à Reforma Rocha Vaz responsável pela introdução obrigatória da Filosofia nos 5º e 6º anos escolares.

Nessa seção não houve a preocupação com uma análise minuciosa de cada Reforma educacional efetuada na Primeira República, porque se procurou descrever uma trajetória marcada pela saída ou entrada da Filosofia das escolas. Vale a pena lembrar o papel estratégico da escola na mentalidade dos republicanos. Com isso, os episódios de ausência da Filosofia tinham um significado na política estatal da época. Num período caracterizado pela adoção de ideais positivistas, retirar ou deixar a Filosofia no currículo escolar tinha relação com as divergências entre os republicanos sobre o lugar da ciência na sociedade. Para cada ministro da Instrução Pública havia uma concepção de ciência e conseqüentemente maneiras diferentes de valorizar a Filosofia no seu diálogo com a ciência.

#### 1.4 – O Regime Militar e a retirada da disciplina de Filosofia das Escolas.

Outro momento marcante do ensino de Filosofia nas escolas brasileiras, sobretudo ao analisarmos as oscilações históricas entre presença ou ausência, refere-se ao período da República Militar (1964-1985). Neste período, os dirigentes políticos impuseram um programa de modernização da economia alicerçado na repressão severa contra qualquer mobilização das oposições. Nesse contexto histórico, elaborou-se a LDB n° 5.692/71 responsável pela substituição do ensino de Filosofia por outras disciplinas mais convenientes aos interesses do Governo Militar. Momento histórico assim descrito por Alves (2002, p. 38):

Criaram-se, desse modo, algumas situações para justificar a ausência da filosofia no currículo, como a inclusão de outras disciplinas que teriam o conteúdo *correspondente* ao da filosofia. As disciplinas criadas foram: educação moral e cívica (EMC), organização social e política brasileira (OSPB) e estudos dos problemas brasileiros (EPB), esta apenas prevista para o nível superior.

A oferta das disciplinas de EMC e a OSPB traziam consigo a necessidade de garantir uma estrutura de ensino voltada para as metas econômicas e políticas do regime militar, sendo escrito pelo professor Alves (2002, p. 39):

A educação moral e cívica (EMC), por exemplo, veiculava valores fundados na moral católica e civismo, destacando-se o aprimoramento do caráter, a dedicação à família e, principalmente, o “culto da obediência a lei”, que se harmonizava muito bem com as finalidades doutrinárias requeridas pela DSND.

A presença da EMC inicialmente não impediu a existência da Filosofia nas escolas, mas enquanto a EMC era obrigatória, a Filosofia era optativa. Como prosseguimento da política educacional dos militares, aprovou-se a Lei de Diretrizes e Bases de n° 5.692, agosto de 1971, que, ao indicar as disciplinas do núcleo comum e as obrigatórias, não constava a Filosofia. A escola poderia oferecer o conhecimento filosófico na parte diversificada do currículo, mas na prática poucas escolas esforçaram para oferecer a disciplina de Filosofia. Ou seja, no cotidiano das escolas, durante o regime militar, predominou a ausência de Filosofia.

A introdução obrigatória de EMC na escola estava previsto no artigo 7° da lei 5.692/71, e para demonstrar a dependência dela com os interesses dos dirigentes militares, o professor Saviani (1988, p.132), escreveu:

A própria discussão (que na verdade nem houve) e aprovação da Lei n° 5.692 reflete nitidamente a situação política acima referida. Com efeito, dos 22 parlamentares designados para integrar a Comissão Mista encarregada de apreciar o projeto encaminhado pelo Poder Executivo, 18 eram da Arena e apenas 4 do MDB.

Não custa lembrar que a Arena era o partido político dos dirigentes militares do Governo e o MDB o único partido político permitido como oposição, sendo assim, dos 22 parlamentares

da Comissão Mista cerca de 81 % deles votam pela aprovação na íntegra da Lei e apenas 19% por mudanças. Na época um parlamentar da Arena dificilmente votaria contra os interesses do governo. Poderíamos resgatar novamente o professor Saviani (1988, p.135) quando escreve:

Eis como os princípios que orientaram a elaboração da Lei n° 5.692 estiveram em perfeita sintonia com a estratégia do “autoritarismo triunfante”, contribuindo assim para o objetivo governamental de consolidação da “democracia excludente”.

A abertura política ocorrida com o último presidente representante da República Militar, General João Batista Figueiredo, possibilitou aos defensores do ensino de Filosofia reivindicarem uma legislação a favor da Filosofia.

### **1.5 – A lei 11.684/08: A Presença Obrigatória da Filosofia no Ensino Médio**

O terceiro momento, no qual destacamos as oscilações entre presença ou ausência da disciplina de Filosofia nas escolas brasileiras, relaciona-se com a elaboração da lei 11.684, de junho de 2008, que introduziu na atual LDB um inciso tornando a Filosofia disciplina obrigatória no ensino médio.

No ano de 1996, entrou em vigor no Brasil a lei de nº 9.394 regulamentando a educação no país. A LDB de 1996 prevalece ainda hoje como legislação reguladora do ensino no Brasil e sua aprovação representou a tentativa de criar uma legislação de ensino mais democrática em relação à LDB anterior, escrita no contexto da República Militar.

Apesar do esforço político para aprovação da LDB de 1996, caracterizada pela busca da democracia, sua discussão e aprovação mostraram-se controvertidas. No ano de 1986, dez anos antes de sua aprovação no Senado da lei 9.394/96, ocorreu a IV Conferência Nacional de Educação reunindo educadores motivados pelo contexto brasileiro de abertura política e ansiosos para um debate nacional sobre os rumos da educação no país. Mas, após tornar-se o projeto de lei 1.158 – A/88 os anseios dos educadores sofreu diversas mudanças até a chegada do projeto no Senado, porque seu encaminhamento para o Plenário do Senado ocorreu na data de 12 de dezembro de 1994 encontrando, segundo Alves (2002, p.61), o seguinte quadro político:

O novo governo de centro – direita e sob a liderança da coligação PSDB-PFL-PTB, permite a recomposição de um quadro político mais conservador, acrescido de uma participação mais efetiva do Poder Executivo, que até então não havia interferido mais diretamente na discussão da LDB.

Com isso, a aprovação da LDB de 1996 mostrou-se menos democrática do que esperado, na medida em que seu texto final não representou as expectativas iniciadas na Conferência de



1986. A LDB de 1996 adquiriu como característica ambiguidades descritas na citação de Dalton Alves (2002, p. 67):

Resultou disto uma lei ambígua, que, como diz Severino ‘(...) conceitua, mas não obriga, não assegura seu próprio cumprimento. Assim, tudo passa a depender das medidas que os gestores do sistema venham a tomar’. (cortei)

Para o caso específico do ensino de Filosofia nas escolas, a dependência em relação aos interesses dos gestores culminou com a aprovação do artigo 36 determinando o domínio do conhecimento filosófico, sem apresentar detalhes sobre o modo de oferecimento do conhecimento filosófico.

Na primeira redação do artigo 36º, da LDB 9.394/96, o seu inciso III, parágrafo 1º, dizia que, ao final do ensino médio, o educando deveria demonstrar: “III – *domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.*” (BRASIL, 1996). Ao lermos a primeira redação do artigo 36º, observamos um avanço significativo na comparação com a LDB 5.692/71 aplicada na fase do regime militar, porque o conhecimento filosófico aparece mais valorizado. Entretanto, não existia uma definição do modo que esse conhecimento filosófico deveria ser ministrado. Essa falta de definição do modo de administrar o conhecimento filosófico permitiu, em muitas instituições de ensino, a interpretação que outras disciplinas poderiam fomentar a discussão filosófica, sem a necessidade de oferecer a disciplina específica de Filosofia. Durante alguns anos, a generalidade do artigo 36º justificou a utilização das disciplinas de História e Geografia para supostamente criar um espaço de difusão do conhecimento filosófico. Na prática, essa a interpretação fez da Filosofia uma disciplina optativa sem a necessidade de um tempo específico para a Filosofia na grade de aulas dos discentes.

O retorno do conhecimento filosófico com a lei 9.394/96 e o avanço pedagógico na sua relação com a lei 5692/71 não impediu que educadores, engajados na luta pela presença da disciplina de Filosofia na escola, se mobilizassem e desencadeassem várias iniciativas para consolidar a Filosofia como disciplina.

Uma das iniciativas foi à aprovação do projeto de lei nº 3.178/97 de autoria do Deputado Federal Roque Zimmermann, Padre Roque (PT), propondo a introdução da obrigatoriedade do ensino de Filosofia no texto do artigo 36º da LDB de 1996. O projeto de lei foi aprovado pelo Senado; mas, ao ser encaminhado para a apreciação do executivo, o Presidente da República vetou a publicação da lei.

Mesmo com o veto presidencial ao projeto do Deputado do Padre Roque, as mobilizações pela inserção da Filosofia como disciplina permaneceram. Vejamos algumas iniciativas após o veto presidencial que permitiu a elaboração e aprovação da atual legislação sobre o ensino de Filosofia:

Na resolução nº 3 do CEB, 26 de junho de 1998, instituiu-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e no seu segundo parágrafo consta: “As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualização para: (...); B) Conhecimento de Filosofia e Sociologia necessário ao exercício da cidadania.” (BRASIL, 1998).

O CEB na sua resolução nº 3 reforçou a posição da necessidade de Filosofia na proposta pedagógica do ensino médio.

A resolução nº 4 do CNE/CEB, de agosto de 2006, alterou o artigo 10º da resolução CNE/CEB nº 3 de 1998, introduzindo o parágrafo 3º com a seguinte redação: “§3º - No caso de escolas que adotarem, no todo ou em partes, organização curricular estruturada por disciplina, deverão ser incluídas as de Filosofia e Sociologia”. (BRASIL, 2006).

A mobilização dos educadores, mesmo após o veto presidencial ao projeto de lei do Deputado Padre Roque, e as vitórias obtidas nas legislações paralelas à LDB motivaram o Deputado Federal Ribamar Alves (PSB) para apresentar outro projeto de lei visando instituir a obrigatoriedade do ensino de Filosofia. No decorrer de treze anos, o projeto chegou ao Senado e transformou-se na lei 11. 684/08 e, nela, o artigo 36º da LDB de nº 9.394/96 recebeu o inciso IV, assim redigido: “IV - serão incluídas a **Filosofia** e Sociologia como disciplinas **obrigatórias** em todas as séries do ensino médio.” (BRASIL, 2008).

## CAPÍTULO 2

### GILLES DELEUZE: O FILÓSOFO, A FILOSOFIA E O SEU ENSINO

#### 2.1 – Apresentação

A Filosofia, como área do conhecimento, constituiu ao longo dos séculos uma História própria e indagações específicas quando comparada com a ciência, a arte, a teologia, entre outros modos de conhecimento humano. Ao deparar-se com a necessidade de apresentar a Filosofia aos alunos, o professor dessa disciplina sofre interferência das demandas típicas de todos os docentes: preparar previamente o plano de aula, propor exercícios, aplicar avaliações, assim como outras demandas; mas, ao lado de preocupações comuns aos outros docentes, o professor de Filosofia lida frequentemente com a seguinte pergunta: - **Como ensinar Filosofia?**

Nessa pesquisa, muitas vezes, foi necessário relacionar o estudo de temas típicos da História da Filosofia e os desafios vividos pelos professores de Filosofia nas suas práticas em sala de aula. Com isso, entre diversas indagações, uma tornou-se frequente: - **Como conjugar as figuras do filósofo e do educador?**

Uma pesquisa voltada para desafios enfrentados pelos docentes da disciplina de Filosofia não poderia desconsiderar a tensão entre o desenvolvimento histórico da Filosofia, área milenar do conhecimento humano, e as questões práticas da sala de aula.

Essa tensão motivou o recurso a um filósofo/professor, enfim, alguém cuja biografia fosse uma síntese concreta da difícil tarefa de conjugar a atividade intelectual, representada pelas discussões específicas da Filosofia, e a prática diária na sala de aula. Na nossa opinião, um filósofo professor pode trazer à baila dilemas típicos dos docentes responsáveis pela apresentação de temas filosóficos aos seus alunos, e sua experiência com sala de aula torna-se uma motivação para os docentes envolvidos com a disciplina de Filosofia. É à luz de tais considerações que escolhemos, como mediador teórico, o filósofo e professor, Gilles Deleuze, que, na sua biografia, debruçou-se sobre reflexões relacionadas com a atividade docente, principalmente, na condição de professor de Filosofia.

Nosso filósofo/professor em sua trajetória esteve na sala de aula lecionando para alunos universitários e também para alunos do ensino médio francês. O principal texto utilizado

nesse capítulo para fundamentar algumas reflexões trazidas por ele sobre a aula, a sala de aula e a aula de Filosofia é o relato dado pelo próprio G. Deleuze à jornalista Claire Parnet, através de um documentário intitulado *Abecedário de Gilles Deleuze*.

A proposta de adotar o documentário, *Abecedário de Gilles Deleuze*, justifica-se pela validade da oralidade como método de investigação, porque o discurso representa, no nosso entendimento, um texto fora do papel, mas tem significado igual às linhas escritas numa folha. No relato oral residem as ideias do entrevistado sobre o tema debatido; além disso, a opção de debruçar-se sobre um documentário com respostas dadas pelo próprio G. Deleuze tem uma relação com a metodologia utilizada na elaboração desta pesquisa; afinal, nela, professores de Filosofia de escolas com ensino médio na cidade de Barbacena/MG foram entrevistados para falar, como será exposto no capítulo IV, sobre seu cotidiano de docência com ênfase nos desafios enfrentados por eles.

O ensino de Filosofia não é uma tarefa fácil, mas as dificuldades enfrentadas não desmotivam os pesquisadores, grupos de pesquisa e docentes enganados na reflexão sobre os possíveis caminhos para o ensino de Filosofia, e talvez motivar esses educadores seja uma entre as diversas contribuições possíveis dos filósofos. Afinal, o filósofo educador, compreendido como sendo o filósofo responsável pelo ensino de Filosofia, tem um papel relevante no ambiente escolar. Como garante Giacóia, (2004, p.104):

Encarnação da filosofia, o filósofo pode ser o signo concreto desse amor ideal pelo mais remoto e sublimado: pela casta nudez da verdade. Por essa razão, o *verdadeiro* filósofo é também o *verdadeiro* educador, pois ele não proporciona ao discípulo réplicas sem vida de seus membros naturais, próteses artificiosas, nem subterfúgios consoladores. Ao filósofo, como verdadeiro educador, cumpre ser o guia e o promotor daquele que se encontra a caminho para sua mais genuína vocação, para o seu amor mais elevado – em outras palavras, para a justa e completa maturação e florescimento daquele indefeso cerne entrevado, informe, agrilhado e soterrado de entulho, que aspira por desabrochar, por ser libertado e trazido à luz da figuração.

A relevante contribuição do filósofo-educador na maturação do indivíduo, exposta pelo professor Oswaldo Giacóia, na realidade é repleta de dificuldades que, muitas vezes, exige do docente da disciplina de Filosofia uma reflexão sobre os desafios inerentes as suas atividades pedagógicas.

A entrevista de Gilles Deleuze à jornalista Claire Parnet será o texto mais citado nesse capítulo, mas nos momentos pertinentes faremos alusão ao pensamento de Gilles Deleuze presente na sua biografia, sobretudo, os conceitos e pensamentos levados pelo filósofo para sua prática na sala de aula. A importância do período como professor de filosofia na vida de

Gilles Deleuze é exposta pelo próprio filósofo na sua obra *Conversações*, em especial, no capítulo intitulado *Sobre a Filosofia* e extraído da entrevistada dada a Raymond Bellour e François Ewald. Nela, há um instante em que os entrevistadores perguntam: - (...) O que é dar aulas para você? O que existe de insubstituível nesse exercício? E a resposta de Deleuze (1992, p.173) foi:

As aulas foram uma parte da minha vida, eu as dei com paixão. Não são de modo algum como conferências, porque implicam uma longa duração, e um público relativamente constante, às vezes durante vários anos. É como um laboratório de pesquisas: dá-se um curso sobre aquilo que se busca e não sobre o que se sabe. É preciso muito tempo de preparação para obter alguns minutos de inspiração. Fiquei satisfeito em parar quando vi que precisava preparar mais e mais para ter uma inspiração mais dolorosa. E o futuro é sombrio porque está cada dia mais difícil fazer pesquisa nas universidades francesas.

Em sua resposta, Gilles Deleuze declara “as dei com paixão”, essa frase explica muito os motivos de buscar, nas obras e entrevistas dadas pelo filósofo francês, a base teórica de uma pesquisa voltada para o ensino de Filosofia no ensino médio. O filósofo como professor viveu seus desafios, como disse “é preciso muito tempo de preparação para obter alguns minutos de inspiração”, mas esses desafios não impediram de declarar sua paixão pela sala de aula.

## **2.2 – Gilles Deleuze: A Preparação da Aula de Filosofia**

Pouco antes de sua morte, Gilles Deleuze aceitou ser entrevistado pela jornalista francesa Claire Parnet, no ano de 1988, sendo sua entrevista filmada e editada por Pierre-André Boutang. Veiculada na França em 1994, na filmagem, o filósofo expõe suas concepções filosóficas acerca de alguns temas frequentes da História da Filosofia<sup>1</sup>. Na entrevista, as questões direcionadas ao filósofo seguem a ordem das letras do alfabeto, ou seja, para cada letra do alfabeto uma palavra é gerada com a respectiva inicial; daí os produtores nomearam o documentário de *Abecedário de Gilles Deleuze*. Muitas questões são suscitadas durante a entrevista, que apresenta momentos significativos para nossa pesquisa. E são justamente trechos relacionados com a atividade da Filosofia na sala de aula que selecionamos e pretendemos analisar com mais atenção.

Na entrevista quando o jornalista apresenta a letra P como inicial de professor, ele pergunta ao filósofo:

Hoje, você tem 64 anos e durante, quase 40 anos, você foi professor, primeiro do ensino médio, depois, na Universidade. Este ano é o primeiro sem aulas. Você sente falta das aulas? Você disse que dava aula com paixão. Você sente falta de dar aula hoje?

---

<sup>1</sup> [www.bibliotecanomade.blogspot.com.br](http://www.bibliotecanomade.blogspot.com.br)

A resposta do filósofo no início causa espanto: “Não, absolutamente.” O modo contundente e negativo com que o filósofo responde a pergunta nos faz pensar que, para ele, ensinar foi uma fase frustrante de sua biografia, mas, ao prosseguir com sua resposta, as verdadeiras razões da mesma tornam-se visíveis. G. Deleuze complementa: (...) “Não me sinto privado porque gostei de dar aulas, mas era algo de que eu precisava menos. Resta-me escrever, o que comporta outros problemas. Não me arrependo. Mas gostei profundamente de dar aulas”.

Na verdade, o filósofo não sentia falta das aulas porque as assumia como atividade baseada na dedicação de prepará-la. Ele na realidade *gostou de dar aulas*, mas na época da entrevista seu tempo estava dedicado à tarefa de escrever, e preparar as aulas poderia causar uma divisão de seu tempo entre elas e a escrita. O filósofo gostou de dar aula, mas sentia a necessidade de escrever e compor outros problemas.

A resposta de G. Deleuze expõe a responsabilidade de preparar uma aula de Filosofia, uma demanda que exigiria do professor um esforço constante para, em cada aula, aprofundar e aperfeiçoar o conteúdo. O comprometimento em prepará-las não impede mudanças repentinas durante a realização das mesmas. Como podemos verificar na resposta dada, no Abecedário de Gilles Deleuze, sobre a atividade de professor, G. Deleuze descreve a aula como fenômeno dotado de um espaço-tempo e, neste sentido, nas palavras do filósofo: “Há uma seqüência. Não podemos recuperar o que não conseguimos fazer. Mas há um desenvolvimento interior numa aula. E as pessoas mudam entre uma semana e outra. O público de uma aula é algo fascinante.”

O reconhecimento do espaço-tempo como categorias constituintes da aula representa a possibilidade de mudanças mesmo após a aula preparada, ou seja, a preparação significa o comprometimento do docente com a sala de aula, mas o espaço-tempo não dispensa as múltiplas intervenções, novidades e transformações produzidas para cada momento em que o docente entra na sala de aula.

A importância de reconhecer a aula como um acontecimento, portanto, um fato inserido no tempo relaciona-se na Filosofia de Gilles Deleuze com a possibilidade da Filosofia criar conceitos. Na sua obra, *Lógica do Sentido*, G. Deleuze esclarece a diferença entre *Aion* e *Cronos*, ou seja, manifestações distintas dos acontecimentos no tempo. Como esclarece-nos Gallo (2007, p.24):

(...) a lógica do acontecimento, a lógica do conceito, não é a mesma da dos corpos; o tempo dos acontecimentos e dos conceitos (*Aion*) não é o mesmo tempo dos

corpos (Cronos). Assim, é a partir de problemas vividos, corpóreos, encarnados, que se produzem conceitos incorpóreos (atos do pensamento), mas imanentes aos corpos. Daí concluir que os conceitos não são materiais, mas possuem uma materialidade em sua criação.

Quando G. Deleuze diz: *e as pessoas mudam entre uma semana e outra*, ele atenta para a existência do tempo e nele a aula como um Cronos, ou seja, um fato vivido capaz de trazer a baila *outros problemas vividos, corpóreos, encarnados*, fazendo de uma aula de Filosofia: *algo fascinante*.

### 2.3 – Gilles Deleuze: Aulas no Ensino Médio.

As aulas lecionadas pelo professor Gilles Deleuze não se restringiram ao ambiente universitário. Em *O Abecedário de Gilles Deleuze*, o entrevistador pergunta: “Vamos recomeçar do início. Você lecionou primeiro no ensino médio. Você tem uma boa lembrança?” E a resposta do filósofo é: “Sim, mas isso não significa nada porque o ensino médio não era o que é hoje. Penso nos jovens professores que ficam desanimados. Eu lecionei no ensino médio durante a Liberação, não muito tempo depois. Era totalmente diferente.”

O filósofo ao responder sobre suas lembranças como professor do ensino médio destacou um sentimento capaz de influenciar na condução de uma aula de Filosofia: **a motivação**. G. Deleuze declara, ao dizer “sim”, possuir boas lembranças dos seus anos como professor do ensino médio, mas não esconde sua preocupação com as mudanças do contexto social capaz de desanimar um professor.

A questão da motivação do professor de Filosofia nas suas práticas na sala de aula talvez apareça no capítulo IV dedicado às entrevistas semiestruturadas, mas sem pretender antecipar alguma resposta, parece-nos que, para muitos professores de Filosofia do ensino médio, o momento histórico atual está contribuindo para a desmotivação do professor de Filosofia e aumentando o esforço do professor para sentir-se motivado em estar na sala de aula. Essa desmotivação seria resultado do predomínio de um modelo econômico de desenvolvimento preocupado mais com a formação tecnológica dos jovens e menos com sua formação filosófica. Afinal, vive-se hoje um tempo em que a função social da escola, muitas vezes, está associada às demandas do mundo do trabalho, criando entre as discentes exigências e expectativas relacionadas com uma suposta finalidade dos conteúdos estudados, como se a escolarização fosse um compromisso social com o mercado de trabalho. O próprio Gilles Deleuze (1992) apresentou a dificuldade de discutir questões filosóficas no mundo contemporâneo, ao escrever:

Hoje é a informática, a comunicação, a promoção comercial que se apropriam dos termos “conceito” e “criativo”, e esses “conceituadores” formam uma raça atrevida que exprime o ato de vender como supremo pensamento capitalista, o cogito da mercadoria. A filosofia sente-se pequena e só diante de tais potências, mas, se chegar a morrer, pelo menos será de rir. (p. 170).

Assim, estudar conteúdos descomprometidos com o mercado seria, para alguns discentes, uma tarefa infrutífera. Como descreveu o filósofo, a Filosofia saberá rir do pensamento capitalista; mas, para o professor envolvido com a preparação de uma aula de Filosofia, o tom irônico da Filosofia talvez não seja suficiente para motivar esse professor no seu cotidiano na sala de aula.

Ao citar a fase da Liberação, período correspondente às décadas de 50 após a Segunda Guerra Mundial, e sua atividade docente, o filósofo lecionou em escolas francesas de 1948 a 1957, G. Deleuze expõe um período histórico que contribuiu para sua motivação, mas ao afirmar: “[...] o ensino médio não era o que é hoje [...]”, o filósofo demonstra compreender os motivos: “hoje é a informática, a comunicação, a promoção comercial (...)”, que justificam a falta de ânimo e motivação entre muitos docentes. E, sem dúvida, a disposição apresentada pelos alunos na sala de aula influencia no desenvolvimento do conteúdo, uma sala de aula formada de alunos empolgados com as questões estudadas torna-se ambiente fértil para o professor aperfeiçoar sua aula, mas uma sala de aula composta de alunos alheios aos rumos dos conteúdos estudados desmotiva o professor e, de repente, a aula adquire um caráter formal, na medida em que apenas cumpre o currículo.

A Filosofia como disciplina enfrenta a necessidade de aparecer na sala de aula como forma de conhecimento desvinculado de interesses econômicos ou uma utilidade imediata, e os professores de Filosofia são frequentemente questionados sobre a pertinência pedagógica de estudar o conteúdo filosófico. Conforme escreve Goto (2007, p. 53):

Quando lecionamos filosofia no ensino médio, algumas questões surgem, de modo praticamente infalível e inquestionável, nas mentes e na fala dos alunos adolescentes (...) “O que é filosofia?” (...) “Que bagulho é isto – filosofia (ou ‘fisolofia’)?” (...) A segunda pergunta é: “Para que filosofia?” Esta demanda e cobra respostas não apenas sobre a finalidade da filosofia, mas principalmente sobre sua serventia (...) O adolescente quer saber antes de mais nada para que tem de estudar a disciplina (...) sem dar ao professor o tempo e o fôlego necessários para respondê-las.

O professor Roberto Goto transcreve perguntas típicas dos alunos do ensino médio, predominantemente, adolescentes, sendo elas um questionamento não só do sentido de estudar Filosofia, mas também das justificativas para a existência da Filosofia no currículo. Não é



tarefa fácil responder, o que é Filosofia? Talvez tarefa impossível e, por isso, alguns alunos passam a desvalorizar a aula de Filosofia, e a falta de valorização, por parte de alguns alunos dos conceitos trazidos pela Filosofia, às vezes, desmotiva os professores e prejudica o desenvolvimento de aula de Filosofia.

O filósofo G. Deleuze lembrou a época da Liberação como momento histórico em que a juventude discutia conceitos, mesmo inacabados, e essas discussões foram uma motivação para ele, e não haveria uma preocupação com respostas imediatas, porque o fundamental seria contribuir para o desenvolvimento do saber filosófico.

A escola sofre influência do contexto histórico, seja porque integra a sociedade como instituição de ensino, seja porque seus integrantes não vivem somente no interior dos muros da escola. Quando uma disciplina é valorizada fora dos muros da escola, aumenta a expectativa dos alunos em relação a essa disciplina. Um momento histórico onde a juventude está preocupada com questões discutidas pela Filosofia auxilia na motivação do docente para preparar suas aulas, entretanto, quando se vive uma época de descrédito ou desconhecimento dos temas filosóficos a motivação do professor de Filosofia poderá diminuir diante de uma juventude assistindo as aulas de Filosofia apenas para cumprir uma exigência curricular.

#### **2.4 – Gilles Deleuze: O que é uma aula?**

A aula para G. Deleuze, independente de ocorrer no ensino médio ou na Universidade, é um ato dinâmico e tal dinamicidade também foi retratada na sua entrevista, quando ele afirma: “Uma aula é uma espécie de matéria em movimento. É por isso que é musical”, assim como a música uma aula se desenvolve no espaço-tempo produzindo no seu conjunto de eventos a expressão de alguma emoção. O próprio filósofo francês, na sequência da entrevista, declara: “uma aula é emoção. É tanta emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum”, se a música projeta no ouvinte uma emoção capaz de gerar simpatia pelo tema cantado, talvez para G. Deleuze uma aula possa produzir nos alunos uma empatia capaz de motivá-los para os temas estudados. Obviamente, a emoção produzida pela aula alcança de modo diferenciado cada aluno. Neste sentido, afirma G. Deleuze: “Não há uma lei que diz respeito a alguém”, a motivação para a aula tem relação com a inspiração do professor e com a expectativa do aluno para os assuntos discutidos.

Se partirmos da relação estabelecida na entrevista, pelo professor/filósofo G. Deleuze, entre aula e música poderíamos pensar nas características encontradas na música, como: harmonia, emoção, escuta, entre outros.

O exemplo da música acompanha G. Deleuze desde o início de sua produção intelectual, temos como exemplo a relação feita entre a música barroca e a filosofia de Leibniz na obra *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Neste livro há um capítulo, “A Nova Harmonia”, em que Deleuze estabelece nos acordes da música barroca uma analogia com o desdobramento da mônada de Leibniz, escreve o filósofo:

Daí a idéia de Leibniz de que nossa alma canta por si mesma e espontaneamente, em acordes, enquanto nossos olhos lêem o texto, e nossa voz segue a melodia. O texto dobra-se segundo os acordes, e é a harmonia que envolve. O mesmo problema expressivo continuará animando a música até Wagner ou Debussy, e até hoje: Cage, Boulez, Stockhausen, Berio. (DELEUZE, 1991, p. 207).

A metáfora da harmonia na música foi utilizada em *A Dobra* para explicitar a filosofia de Leibniz, e mesma comparação ocorre quando G. Deleuze relaciona a aula de Filosofia e a música. Para ele, uma aula com seus acordes e harmonia pode produzir movimento e emoção nos alunos.

Talvez, para um professor de Filosofia desmotivado com a sala de aula, a analogia entre aula e música tenha um aspecto excessivamente poético, ou seja, haveria nessa comparação, para um professor desmotivado, um pouco de exagero frente à realidade tão desafiante de ensinar filosofia.

Mas o professor G. Deleuze não estabeleceu uma mera visão romantizada da atividade docente, porque, para ele a aula pretendia cumprir uma tarefa objetiva, a saber: “a relação que podemos ter com os estudantes é ensinar que eles fiquem felizes com sua solidão”. Portanto, para o filósofo e professor G. Deleuze, o docente não deveria esperar muito de uma aula, pois as pessoas querem apenas lidar com a solidão. E o docente - sobretudo da disciplina de Filosofia - não deve projetar uma expectativa extraordinária ou um resultado salvacionista de suas aulas, porque mesmo sendo uma atividade musical deve-se esperar apenas dos alunos um pouco de felicidade para lidarem melhor com a solidão.

## **2.5 – Gilles Deleuze: A Filosofia cria conceitos**

O filósofo/professor G. Deleuze, como exposto anteriormente, relacionava a aula com a música e, durante sua atividade docente, observava que, quando se trata de ensinar Filosofia,

algum conteúdo deve ser discutido. Esse conteúdo poderia ser estudado sem distinção entre as pessoas, inclusive G. Deleuze, escreveu: “Suponho que muita gente ache que a Filosofia é uma coisa muito abstrata e só para entendidos. Tenho tão viva em mim a idéia de que a Filosofia não tem nada a ver com entendidos” (DELEUZE, 1994). Assim, a declaração de G. Deleuze abandona qualquer concepção erudita da Filosofia e menospreza a concepção do saber filosófico como área do conhecimento humano acessível a poucos. Mas, para viabilizar um conteúdo acessível a todos, uma pergunta não poderia deixar de ser feita: - O que é Filosofia? A resposta a essa pergunta é imprescindível para o professor de filosofia preparar suas aulas sem perder de vista os conteúdos específicos do saber filosófico, e na tentativa de formulação de uma resposta G. Deleuze dizia que *Filosofia é criar conceitos*. Ou seja, a possibilidade da Filosofia ser ensinada apoia-se na ideia deleuziana da Filosofia como estudo dos conceitos. Ao longo do documentário *O Abecedário de G. Deleuze*, o filósofo declara: “Há uma coisa que me parece certa: um filósofo não é uma pessoa que contempla e também não é alguém que reflete. Um filósofo é alguém que cria. Só que ele cria um tipo de coisa muito especial ele cria conceitos” (DELEUZE, 1994).

Antes que alguém faça a pergunta: - Somente a Filosofia cria conceitos?. A resposta é: Sim, para Deleuze só a Filosofia cria conceitos. Essa seria uma característica exclusiva da Filosofia. Na aula de Filosofia esforçar-se para ensinar um conceito criado pelo Filósofo. Neste sentido, ele explicita:

O que é uma Idéia? Eu posso definir um cachorro. E uma Idéia para Platão? Neste momento já estou fazendo História da Filosofia”. Eu Tentarei explicar às pessoas, é essa a tarefa de um professor ... Acho que o que ele chama de ‘Idéia’ é uma coisa que não seria outra coisa. Ou seja, que seria apenas o que ela é.

Na sua resposta, G. Deleuze expõe a tarefa de ensinar aos seus alunos o conceito de Ideia em Platão, para ele, sua atividade docente sustenta-se na Filosofia como criadora de conceitos, porque assim ele conduzia suas aulas, ensinando conceitos.

Assim, a História da Filosofia não significa seguir uma linha do tempo recortando obras e filósofos como fossem um catálogo de Filosofia. Nas palavras de Deleuze (1992. p. 170): “A história da filosofia deve, não redizer o que disse um filósofo, mas dizer o que ele necessariamente subentendia, o que ele não dizia e que, no entanto, está presente naquilo que diz.”

A proposta de G. Deleuze é reconhecer na Filosofia seu potencial para criar conceitos. O ensino de Filosofia não seria uma reflexão sem propósito ou um debate descomprometido: “A

filosofia não é comunicativa, assim como não é contemplativa nem reflexiva: ela é, por natureza, criadora ou mesmo revolucionária, uma vez que não pára de criar conceitos”. (DELEUZE, 1992. p.170).

## **2.6 – Gilles Deleuze: O Filósofo, o conceito e o problema.**

Gilles Deleuze espera do professor de Filosofia que ensine os conceitos formulados pelos filósofos, porque para ele a Filosofia é uma área do saber baseada em duas atividades: formular problemas e com eles criar conceitos. Na entrevista, G. Deleuze afirma categoricamente: “Eu digo: um filósofo cria conceitos”.

Na filosofia deleuziana, o compromisso do filósofo com a criação dos conceitos caracteriza-se como especificidade da Filosofia, porque para G. Deleuze a Filosofia existe para criar conceitos. Na obra *Conversações*, podemos ler sobre a relação entre conceito e problema, exemplo: “O filósofo – afirma Deleuze (1992) - já expôs os conceitos que está criando. Ele não pode, além disso, expor os problemas que seus conceitos (...) ou, pelos menos, só se podem encontrar estes problemas através dos conceitos que criou. (p. 170).”

Na concepção deleuziana, conceitos e problemas relacionam-se, porque no momento em que o filósofo formula seus problemas, ocorrem as possibilidades de elaboração de um conceito. Assim sendo, na sala de aula, o professor de Filosofia estaria diante da necessidade de apresentar aos seus alunos os conceitos e problemas filosóficos de cada filósofo.

Ainda na entrevista dada a Claire Parnet, G. Deleuze afirmar que: “a filosofia é isso: problema e conceito”, e prossegue acrescentando: “Mas, na filosofia, há os dois: a criação de um conceito e esta criação se faz em função de um problema.” Ou seja, para G. Deleuze, o professor não pode perder de vista que a Filosofia é uma atividade do conhecimento humano caracterizada pela formulação de problemas para deles elaborar conceitos, a partir do reconhecimento da relação entre conceito e problema o professor de Filosofia poderia nas suas aulas apresentar aos seus alunos os conceitos elaborados por cada filósofo enfatizando os problemas interligados com tais conceitos.

Portanto, partindo do objetivo de investigar desafios presentes no cotidiano dos professores de Filosofia, sobretudo para os docentes do ensino médio, a entrevista feita a Gilles Deleuze pela jornalista Claire Parnet contribui para suscitar propostas para o professor lidar melhor com suas práticas na sala de aula. Na preparação da aula, atividade muitas vezes cansativa, mas fundamental para o bom desenvolvimento da aula, considerar o espaço-tempo como

categorias da mesma, o que implica na possibilidade de mudanças e imprevistos ocorrerem ao longo da aula. Não menosprezar também a importância da motivação, muitas vezes relacionada com o contexto externo à sala de aula, como força motriz do professor ao entrar na sala de aula. E, nesse ponto, mesmo com um contexto social adverso, ajuda na motivação, ver na aula uma analogia com a música, tentando na aula de Filosofia vivenciar a emoção de estudá-la. E, quanto à pergunta tão frequente na História da Filosofia: O que é Filosofia? Para aqueles que a lecionam, é de muita valia tentar compreendê-la como criadora de conceitos, ou seja, ensinar Filosofia seria um esforço de apresentar aos alunos os problemas e conceitos elaborados pelos filósofos.

## CAPITULO 3

### UM PANORAMA DAS ESCOLAS COM ENSINO MÉDIO EM BARBACENA

#### 3.1 - Considerações Iniciais

O presente capítulo tem como fonte de dados dois questionários, sendo um deles direcionado para diretores ou pedagogos de cada escola de Barbacena com ensino médio, e outro respondido pelos professores da disciplina de Filosofia, que aceitaram contribuir com a nossa pesquisa.

No questionário direcionado para diretores ou pedagogos foram feitas doze questões voltadas para as informações relacionadas com a presença da disciplina de Filosofia na escola, e também sobre o quadro de professores de Filosofia existente na escola. Quanto ao questionário direcionado ao professor de Filosofia, foram nove questões versando sobre o desenvolvimento prático da disciplina.

Para identificar as escolas barbacenenses com ensino médio utilizamos como primeira referência, o *site* [www.dataescolabrasil.inep.gov.br](http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br), onde consta a relação das diversas escolas brasileiras com suas especificidades. Neste *site*, o usuário consegue localizar as escolas de acordo com categorias como município, modalidade de ensino, rede de ensino a que pertencem às escolas, dentre outros dados. Contudo, ele não foi suficiente para enumerar todas as escolas barbacenenses com ensino médio; pois, no momento de visitar as escolas e aplicar os questionários, os diretores indicaram escolas com ensino médio que não apareciam no *site* pesquisado. Assim, algumas escolas foram catalogadas após orientações dos diretores das primeiras escolas visitadas.

Ao visitarmos cada escola de Barbacena com ensino médio procuramos, no primeiro momento, a direção ou a equipe pedagógica da instituição e, posteriormente, os professores de Filosofia da escola. Todas as escolas visitadas aceitaram responder o questionário, no entanto, alguns professores não aceitaram responder ou não devolveram o questionário. Apesar da ausência da resposta de alguns docentes, não houve prejuízo do objetivo do questionário, porque na época de sua aplicação havia **vinte e três** professores de Filosofia nas escolas barbacenenses com ensino médio e, desses, **dezoito** responderam o questionário,

representando um percentual de **setenta e dois por cento** dos professores de Filosofia. Além disso, como o presente capítulo procura demonstrar um panorama do ensino de Filosofia nas escolas de Barbacena os questionários respondidos foram suficientes para visualizar esta realidade.

No próximo capítulo apresentaremos a análise das entrevistas semiestruturadas. Com as respostas dadas pelos professores, no questionário direcionado ao docente, foi possível definir características pelas quais delimitamos o grupo dos entrevistados. Houve a necessidade de delimitar um grupo para as entrevistas tendo em vista que entrevistar todos os professores de Filosofia resultaria em tempo insuficiente para conclusão da dissertação do mestrado.

A cada quadro sistematizado e apresentado nesse capítulo segue uma análise baseada no principal propósito de nossa pesquisa, ou seja, identificar desafios enfrentados pelos docentes de Filosofia nas suas práticas escolares. Apesar da apresentação de dados numéricos, não se trata de um capítulo quantitativo, pois cada quadro e seus números apresentados representam fragmentos da realidade escolar na tentativa de compreender aspectos gerais do ensino de Filosofia.

### **3.2 - As Escolas com Ensino Médio em Barbacena/MG**

Na cidade de Barbacena, no período pesquisado, existiam **19** (dezenove) escolas com ensino médio. O número de escolas públicas e particulares são numericamente próximos, pois são **12** (doze) públicas e **7** (sete) particulares, ou seja, não existe domínio de uma rede de ensino, pública ou particular. Uma situação diferenciada é a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (Epcar), porque apesar de ser uma instituição pública, o que a torna semelhante às demais escolas públicas, o ensino médio oferecido nela é restrito aos pretensos oficiais aviadores da Aeronáutica Brasileira; assim sendo, é uma instituição pública e, ao mesmo tempo, é a única regida pela hierárquica militar. Há, ainda, uma Instituição Federal voltada para a formação tecnológica, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, que oferece cursos de capacitação tecnológica aos seus alunos.

Ao observarmos o quadro composto das escolas com ensino médio na cidade de Barbacena/MG, fica evidente um número expressivo de escolas caracterizando uma realidade marcada pela diversidade. A diversidade de instituições escolares promove oportunidades para os docentes de Filosofia, porque quanto maior o número de escola com ensino médio, mais chances de encontrar uma instituição para lecionar. Mas, ao lado das oportunidades

geradas com a diversidade, ocorre a ampliação das dificuldades relacionadas com o ensino de Filosofia.

Cada instituição escolar tem suas especificidades, exigindo do docente de Filosofia, sobretudo quando não leciona somente numa instituição, uma capacidade de adaptação a cada espaço escolar. Não menosprezamos a existência de documentos oficiais normatizando o ensino de Filosofia, tais como os PCNs ou a LDB, mas as características institucionais de cada escola interferem na preparação das aulas ou nos projetos dos professores de Filosofia.

Como exemplo da força das especificidades apesar de normatizações legais, podemos citar o fato dos atuais professores de Filosofia da Escola Preparatória dos Cadetes do Ar ocuparem na hierarquia militar o posto de oficiais, ou seja, seus discentes devem respeito hierárquico conforme regulamento interno da instituição. Durante as aulas desses professores a disciplina é uma obrigação, enquanto um professor da rede pública estadual, não representa para seus alunos um superior hierárquico. Com esse exemplo não pretendemos dizer que existe mais facilidade de ensinar Filosofia para os discentes da Epcar. Mas, ao pontuar os desafios de ensinar Filosofia, não podemos desconsiderar a realidade de cada escola, como exemplo, a disciplina na sala de aula: - Será que a indisciplina na sala de aula é na mesma proporção na comparação da Epcar (regime militar) com uma escola pública estadual?

A diversidade de escolas com ensino médio na cidade de Barbacena revela uma realidade escolar heterogênea e relevante para uma investigação sobre os desafios de ensinar Filosofia, porque, ao lado das oportunidades, o docente necessita lidar com a especificidade de cada instituição escolar.

<b>RELAÇÃO DE ESCOLAS COM ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE BARBACENA</b>		
<b>Instituições</b>	<b>Nome Popular</b>	<b>Rede de ensino</b>
Escola Estadual Embaixador José Bonifácio	Escola Normal	Pública
Escola Estadual Henrique Diniz	-	Pública
Colégio Tiradentes da PMMG	-	Pública
Escola Estadual Professor Soares Ferreira	Estadual	Pública



Escola Estadual Amilcar Savassi	Amilcar	Pública
Escola Estadual Dr. Alberto Vieira Pereira	Alberto Vieira	Pública
Escola Estadual Senhora das Dores	-	Pública
Escola Estadual Professor João Anastácio	Polivalente	Pública
Escola Estadual Gabriela	Gabriela	Pública
Escola Estadual Deputado José Bonifácio Lafaiete de Andrada	-	Pública
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campus Barbacena)	Ifte	Pública
Escola Preparatória de Cadetes do Ar	Epcar	Pública/Militar
SESI	-	Particular
Centro de Ensino Aprendiz	Aprendiz	Particular
Colégio Imaculada Conceição	Imaculada	Particular
Colégio Santo Agostinho	-	Particular
Colégio Crispim Jacques Bias Fortes	Crispim	Particular
Instituição Tenente Ferreira	Salesianos	Particular
Desafio Colégio Vestibulares e Cursos	Desafio	Particular

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

### 3.3 - O Efeito da Lei 11.684/08

No questionário aplicado aos diretores ou pedagogos reservamos uma pergunta referente ao período de chegada da disciplina de Filosofia na escola, se a disciplina era oferecida antes do ano de 2008 ou depois do ano de 2008. Essa pergunta tinha como objetivo verificar a influência da lei 11.684/08 na chegada da Filosofia nas escolas de Barbacena. Após a aprovação da lei 11.684/08 toda escola de ensino médio com currículo organizado em disciplinas passou a oferecer a Filosofia. O ano de 2008 tornou-se um referencial para dividir escolas onde a Filosofia estava presente no currículo antes de sua exigência legal, e as escolas em que a chegada da Filosofia foi uma consequência da legislação de ensino.

No quadro, ao sistematizar as respostas dadas sobre a introdução da disciplina de Filosofia nas escolas, observamos pouca diferença entre o número de escolas que ofereciam a disciplina

antes da lei 11.684/08 e aquelas cuja resposta foi depois do ano de 2008. Há um predomínio do número de escolas com a disciplina antes do ano de 2008, totalizando dez instituições, e menos escolas que, provavelmente, ofereceram Filosofia quando a legislação a tornou obrigatória.

No quadro sobre a introdução do ensino de Filosofia, uma questão chamou-nos a atenção, apesar da pouca diferença numérica entre os dois grupos, escolas particulares e públicas estaduais, houve no grupo composto pelas escolas públicas estaduais o predomínio dos casos da chegada após o ano de 2008. Ou seja, na cidade de Barbacena, a inserção da disciplina de Filosofia nas escolas estaduais ocorreu após a aprovação da lei 11.684/08. No grupo de **dez** escolas estaduais, apenas **três** delas declaram ter a disciplina de Filosofia antes de 2008. No conjunto das demais, a Escola Estadual Professor Soares Ferreira merece destaque, pois tem o prestígio histórico de ser a escola estadual mais antiga da cidade e possuir no quadro dos seus ex-alunos personalidades com destaque na sociedade barbacenense. Mas, justamente, a mais tradicional das instituições escolares da cidade declara oferecer a disciplina de Filosofia somente devido à exigência legal.

<b>QUANTO A INTRODUÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA</b>			
<b>Instituição</b>	<b>Antes de 2008</b>	<b>Depois de 2008</b>	<b>Não Há</b>
Escola Estadual Embaixador José Bonifácio	-	X	-
Escola Estadual Henrique Diniz	X	-	-
Colégio Tiradentes da PMMG	X	-	-
Escola Estadual Professor Soares Ferreira	-	X	-
Escola Estadual Amilcar Savassi	-	X	-
Escola Estadual Dr. Alberto Vieira Pereira	-	X	-
Escola Estadual Senhora das Dores	-	X	-
Escola Estadual Professor João Anastácio	X	-	-
Escola Estadual Gabriela	-	X	-
Escola Estadual Deputado José Bonifácio Lafaiete de Andrada	-	X	-

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campus Barbacena)	X	-	-
Escola Preparatória de Cadetes do Ar	X	-	-
Sesi	-	-	-
Centro de Ensino Aprendiz	X	-	-
Colégio Imaculada Conceição	X	-	-
Colégio Santo Agostinho	X	-	-
Colégio Crispim Jacques Bias Fortes	-	X	-
Instituição Tenente Ferreira	X	-	-
Desafio Colégio Vestibulares e Cursos	X	-	-

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

\* A orientadora pedagógica do SESI não soube informar essa questão.

### 3.4 - A primazia do Ensino Médio

Na análise dos níveis de ensino em que a disciplina de Filosofia é oferecida nas escolas pesquisadas, percebemos a supremacia do ensino médio. Apesar das escolas delimitadas na pesquisa serem instituições escolares com ensino médio, muitas entre elas oferecerem outros níveis de ensino nas suas dependências. Assim, a intenção de evidenciar os níveis de ensino com Filosofia justifica-se pela possibilidade de verificar nas escolas pesquisadas quais delas antecipam o contato com o conteúdo filosófico, antes do discente ingressar no ensino médio. Assim, a intenção principal é abordar a preocupação com a continuidade, na medida em que chegar ao ensino médio com algum grau de compreensão da Filosofia poderia auxiliar o docente na condução prática de suas aulas. Além disso, se pensarmos o estudo filosófico como um processo de amadurecimento do pensamento, a continuidade torna-se ponto fundamental para motivar o crescimento intelectual dos discentes nos assuntos relacionados com o saber filosófico.

Constatamos no questionário o predomínio de escolas com ensino de Filosofia somente no nível médio. Aparentemente, isso se explica pela exigência da lei 11.684/08 circunscrever a disciplina de Filosofia a este nível. No quadro abaixo, observa-se apenas **três** escolas com ensino médio em que há Filosofia no ensino fundamental, sendo essas escolas instituições

particulares. Conclui-se, facilmente, que o número de escolas em que o discente chega ao ensino médio com algum preparo no conteúdo filosófico é reduzido.

Para muitos discentes, o conteúdo filosófico fará parte da sua trajetória escolar somente no ensino médio, ou seja, o contato com a Filosofia ocorre nos últimos três anos de do ensino médio, sendo pertinente pensar na seguinte questão: - **Não seria melhor para o docente se a Filosofia fosse apresentada aos alunos desde a etapa do ensino fundamental?** Na nossa compreensão caberiam muitas respostas para essa inquietação e entre as respostas possíveis há duas merecedoras de destaque. Para nós, é um desafio para o docente entrar na sala de aula e ter diante de si discentes cujo contato com a filosofia ocorre como exigência curricular, ou seja, a disciplina de Filosofia e seu conteúdo são estranhos e, com isso, aparece a necessidade de motivar os discentes para o estudo da Filosofia. Nessa perspectiva, ensinar Filosofia torna-se uma tarefa difícil, porque além de todos os obstáculos comuns às outras disciplinas, o docente precisa construir com seus alunos um sentido para o conteúdo filosófico.

Apesar de enxergar como desafio para o professor de Filosofia o fato dos alunos encontrarem a disciplina de Filosofia só no ensino médio, não posso desconsiderar a possibilidade do professor tentar rever esse desafio em seu benefício, porque o fato da disciplina de Filosofia ser uma novidade para o aluno ao ingressar no ensino médio possibilita ao docente fazer da Filosofia um conhecimento desconhecido a ser explorado. Um assunto desconhecido e inexplorado pode causar nos alunos a curiosidade para conhecê-lo e a ansiedade de explorá-lo. Com isso, o professor de Filosofia atento às suas práticas pedagógicas pode utilizar esses sentimentos como estimuladores dos alunos.

Quando destacamos, como concepção positiva, o aluno encontrar-se com a Filosofia somente no ensino médio criando para o docente a possibilidade de uso da curiosidade e ansiedade como motivadores da disciplina, não significa que menosprezamos as escolas com ensino filosófico já no nível fundamental; ao contrário, essas escolas acabam auxiliando o desenvolvimento cognitivo dos alunos para os temas de filosóficos e os preparam para ingressar no ensino médio aprofundando, com o professor de Filosofia, conceitos discutidos pela Filosofia.

<b>QUANTO AOS NÍVEIS COM ENSINO DE FILOSOFIA</b>	
<b>Instituições</b>	<b>Níveis de ensino</b>

Escola Estadual Embaixador José Bonifácio	Médio
Escola Estadual Henrique Diniz	Médio
Colégio Tiradentes da PMMG	Médio
Escola Estadual Professor Soares Ferreira	Médio
Escola Estadual Amilcar Savassi	Médio
Escola Estadual Dr. Alberto Vieira Pereira	Médio
Escola Estadual Senhora das Dores	Médio
Escola Estadual Professor João Anastácio	Médio
Escola Estadual Gabriela	Médio
Escola Estadual Deputado José Bonifácio Lafaiete de Andrada	Médio
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campus Barbacena)	Médio
Escola Preparatória de Cadetes do Ar	Médio
Sesi	Médio
Centro de Ensino Aprendiz	Fundamental/Médio
Colégio Imaculada Conceição	Fundamental/Médio
Colégio Santo Agostinho	Médio
Colégio Crispim Jacques Bias Fortes	Médio
Instituição Tenente Ferreira	Médio
Desafio Colégio Vestibulares e Cursos	Fundamental/Médio

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

### 3.5 - A Modalidade de Disciplina: Única Possibilidade?

A lei 11.684/08 determina que: “IV - serão incluídas a **Filosofia** e Sociologia como disciplinas **obrigatórias** em todas as séries do ensino médio.” Portanto, a lei deixa explícita a obrigatoriedade do conteúdo de Filosofia no ensino médio na condição de disciplina. As escolas barbacenenses com ensino médio, sem exceção, oferecem a Filosofia na modalidade

de disciplina, conforme demonstrado no próximo quadro, em que todos responderam no questionário a modalidade de disciplina para as aulas de Filosofia.

A modalidade de disciplina predomina no sistema de ensino brasileiro. É difícil encontrar uma escola brasileira com grade curricular organizando seus conteúdos com modalidade diversa de disciplina. Assim, não causa estranheza a lei estipular a modalidade de disciplina para as aulas de Filosofia, mas ao longo da nossa pesquisa encontramos relatos de experiências fora da cidade de Barbacena/MG voltadas para outras modalidades de ensino de Filosofia. Nos relatos que chegaram ao nosso conhecimento, algumas escolas estão criando oficinas de Filosofia, paralelamente, a modalidade de disciplina. Essas oficinas ora complementam as aulas de Filosofia com atividades reflexivas, ora motivam os alunos para o estudo do conteúdo filosófico.

As iniciativas da escola para apresentar a Filosofia aos alunos são bem vindas, porque se a presença como disciplina representa o reconhecimento de sua importância, outras modalidades de ensino podem auxiliar na motivação dos alunos e no aprofundamento de temas filosóficos.

Portanto, para a Filosofia, sua presença como disciplina, significa um reconhecimento da sua importância, mas não podemos perder de vista outras possibilidades já bem sucedidas de difusão do conhecimento filosófico.

<b>QUANTO A MODALIDADE DE ENSINO DE FILOSOFIA</b>	
<b>Instituição</b>	<b>Modalidade</b>
Escola Estadual Embaixador José Bonifácio	Disciplina
Escola Estadual Henrique Diniz	Disciplina
Colégio Tiradentes da PMMG	Disciplina
Escola Estadual Professor Soares Ferreira	Disciplina
Escola Estadual Amilcar Savassi	Disciplina
Escola Estadual Dr. Alberto Vieira Pereira	Disciplina
Escola Estadual Senhora das Dores	Disciplina

Escola Estadual Professor João Anastácio	Disciplina
Escola Estadual Gabriela	Disciplina
Escola Estadual Deputado José Bonifácio Lafaiete de Andrada	Disciplina
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campus Barbacena)	Disciplina
Escola Preparatória de Cadetes do Ar	Disciplina
Sesi	Disciplina
Centro de Ensino Aprendiz	Disciplina
Colégio Imaculada Conceição	Disciplina
Colégio Santo Agostinho	Disciplina
Colégio Crispim Jacques Bias Fortes	Disciplina
Instituição Tenente Ferreira	Disciplina
Desafio Colégio Vestibulares e Cursos	Disciplina

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

### 3.6 - Uma Aula na Semana: Será Suficiente?

Como é possível observar no quadro anterior, as escolas, visando cumprir a lei 11.684/08, oferecem a Filosofia na modalidade de disciplina. No questionário direcionado aos diretores ou pedagogos formulamos uma questão referente à quantidade de aulas de Filosofia para cada turma do ensino médio ao longo de uma semana de aulas. Com exceção da Escola Estadual Dr. Alberto Vieira Pereira, que oferece no 3º ano do ensino médio duas aulas na semana, as demais escolas barbacenenses oferecem somente uma aula de Filosofia na semana. A média de duração de uma aula nas escolas de Barbacena/MG é de 50 minutos. Assim, o professor de filosofia tem, na maioria das escolas barbacenenses, um contato de menos de uma hora com cada turma do ensino médio.

Ao analisar, com responsabilidade essa questão, sabemos da dificuldade enfrentada pelas escolas para contemplar no currículo dos alunos do ensino médio todos os conteúdos disciplinares exigidos pelas leis da educação no Brasil. A Filosofia não é a única disciplina para compor a formação desses discentes; mas, mesmo reconhecendo a demanda das escolas,

o fato de uma escola oferecer duas aulas para o 3º ano do ensino médio indica a possibilidade de pensar na ampliação da quantidade semanal de aulas de filosofia.

A quantidade reduzida de aulas de Filosofia influencia na preparação das aulas e coloca, para o professor, o desafio de apresentar aos alunos os principais conceitos filosóficos, presentes na História da Filosofia, através de apenas um encontro semanal. Para agravar esse desafio é importante destacar que, nas escolas com maior número de turmas de ensino médio, nem sempre o professor de Filosofia do 1º ano permanece com a mesma turma no ano letivo subsequente, ou seja, a continuidade do conteúdo apresentado pelo docente fica prejudicada. Outro desafio para o professor de Filosofia é escolher as metodologias de ensino, por exemplo, um vídeo (longa metragem) tem duração mínima de sessenta minutos, uma dinâmica de grupo dura no mínimo trinta minutos, um empolgado debate acerca de um tema se perde no tempo, ou seja, com apenas uma aula de 50 minutos na semana, as escolhas metodológicas são prejudicadas pelo contato reduzido do professor com a turma.

<b>QUANTO AO NÚMERO DE AULAS DE FILOSOFIA NA SEMANA</b>	
Instituição	Quantidade (aula por semana)
Escola Estadual Embaixador José Bonifácio	01
Escola Estadual Henrique Diniz	01
Colégio Tiradentes da PMMG	01
Escola Estadual Professor Soares Ferreira	01
Escola Estadual Amilcar Savassi	01
Escola Estadual Dr. Alberto Vieira Pereira	01
Escola Estadual Senhora das Dores	01 para 1º e 2º anos e 02 para 3º ano
Escola Estadual Professor João Anastácio	01
Escola Estadual Gabriela	01
Escola Estadual Deputado José Bonifácio Lafaiete de Andrada	01
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campus Barbacena)	01



Escola Preparatória de Cadetes do Ar	01
Sesi	01
Centro de Ensino Aprendiz	01
Colégio Imaculada Conceição	01
Santo Agostinho	01
Colégio Crispim Jacques Bias Fortes	01
Instituição Tenente Ferreira	01
Desafio Colégio Vestibulares e Cursos	01

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

### 3.7 - Pensando a Continuidade

A História da Filosofia apresenta uma vasta quantidade de temas ou questões discutidas desde a antiguidade grega até os tempos atuais. Uma área do conhecimento caracterizada pela grande variedade de assuntos coloca para o docente de Filosofia a necessidade de planejar os assuntos apresentados aos seus discentes, e também necessita de tempo para o aluno compreender a evolução de um conceito ao longo da História da Filosofia. Nesse sentido, perguntamos, no questionário voltado para a área pedagógica, quais são os anos em que cada escola oferece a disciplina de Filosofia. Constatamos que apenas **duas** escolas pesquisadas têm nos anos iniciais aulas de Filosofia.

Como nossa pesquisa visa demonstrar desafios enfrentados pelos docentes de Filosofia, ao verificar, em todas as escolas, a presença da Filosofia nos três anos do ensino médio é um dado importante para pensarmos a continuidade. Sem desconsiderar a análise feita no quadro anterior, na qual vimos que a maior parte das escolas reduz a aula de Filosofia a uma única aula na semana, precisamos acrescentar agora que, apesar da carga horária reduzida, existe a possibilidade de um planejamento continuado do conteúdo. Caso o docente de Filosofia consiga acompanhar a progressão de uma turma do 1º ao 3º ano, teremos a continuidade como ferramenta pedagógica capaz de introduzir os discentes no conteúdo filosófico sem atropelos.

Ao lado do caráter relevante de uma continuidade, destacado no parágrafo anterior, segue uma pergunta: - Nas escolas com mais de um professor de Filosofia há a permanência do primeiro professor de uma turma nos três anos?. A validade da pergunta é porque a continuidade depende da possibilidade do professor seguir, a cada novo ano, com a mesma turma do ano

anterior. No entanto, dialogando com os professores e pedagogos das escolas pesquisadas, percebemos que, nas escolas com mais de um professor de Filosofia, o predomina a descontinuidade; porque, muitas vezes, o mesmo professor não acompanha as turmas nos anos anteriores.

As duas instituições de ensino com Filosofia nos anos iniciais também são ponto importante para uma continuidade. Afinal, quando o aluno ingressa no ensino médio tendo passado pela Filosofia nos primeiros anos da escola, torna-se possível amadurecer temas filosóficos já apresentados a ele. Nessa questão, o diálogo entre os professores dos anos iniciais e o professor de Filosofia do ensino médio é muito importante, para que o contato com o conhecimento filosófico siga uma sequência entre os anos escolares.

<b>QUANTO AOS ANOS EM QUE A FILOSOFIA É OFERECIDA NO ENSINO MÉDIO</b>				
<b>Instituições</b>	<b>Anos</b>			
-	Iniciais	1°	2°	3°
Escola Estadual Embaixador José Bonifácio	-	X	X	X
Escola Estadual Henrique Diniz	-	X	X	X
Colégio Tiradentes da PMMG	-	X	X	X
Escola Estadual Professor Soares Ferreira	-	X	X	X
Escola Estadual Amilcar Savassi	-	X	X	X
Escola Estadual Dr. Alberto Vieira Pereira	-	X	X	X
Escola Estadual Senhora das Dores	-	X	X	X
Escola Estadual Professor João Anastácio	-	X	X	X
Escola Estadual Gabriela	-	X	X	X
Escola Estadual Deputado José Bonifácio Lafaiete de Andrada	-	X	X	X
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campus Barbacena)	-	X	X	X
Escola Preparatória de Cadetes do Ar	-	X	X	X

Sesi	-	X	X	X
Centro de Ensino Aprendiz	-	X	X	X
Colégio Imaculada Conceição	X	X	X	X
Santo Agostinho	-	X	X	X
Colégio Crispim Jacques Bias Fortes	-	X	X	X
Instituição Tenente Ferreira	-	X	X	X
Desafio Colégio Vestibulares e Cursos	X	X	X	X

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

### 3.8 - Como Pensar a Filosofia para Concurso?

Na análise do próximo quadro nossa atenção centrou-se na questão sobre o uso do PCN ou dos programas de concursos nos projetos pedagógicos das escolas com ensino médio.

Podemos observar no quadro três instituições de ensino que declaram utilizar os programas de concursos para auxiliar na formulação de seus projetos pedagógicos, sendo as três escolas instituições particulares.

Perguntar se as escolas particulares estariam na contramão dos processos pedagógicos ao propor uma educação preocupada com o mercado de trabalho, porque tentam atender aos alunos preocupados com uma educação voltada para os concursos vestibulares ou públicos, extrapola o objetivo de nossa pesquisa, mas não podemos menosprezar o fato de muitas famílias matricularem seus jovens nas escolas privadas pensando, muitas vezes, existir, nesses ambientes escolares, mais preocupação com o sucesso econômico do aluno. Mesmo sendo escolas barbacenenses não caberia na nossa pesquisa entrar no mérito de debater as controvérsias entre ensino público e privado, mas é relevante considerar que os professores de Filosofia atuantes nas escolas particulares são observados se suas aulas colaboram com a possibilidade dos discentes disputarem os principais concursos após conclusão do ensino médio.

Para nossa pesquisa parece mais importante reconhecer que as escolas particulares se deparam com exigências dos seus alunos para o mercado de trabalho e essa expectativa de ascensão social repercute no ensino de Filosofia. O professor de Filosofia, na escola particular, precisa lidar com esse contexto, ou seja, reconhecer nos seus alunos a herança de famílias

preocupadas com ascensão econômica e não omitir que a disposição para discutir temas filosóficos dependerá dessa expectativa da escola abrir portas para o mercado de trabalho.

<b>QUANTO A UTILIZAÇÃO DO PCN DE FILOSOFIA</b>		
<b>Instituição</b>	<b>Segue o PCN</b>	<b>Segue editais de Concursos</b>
Escola Estadual Embaixador José Bonifácio	X	-
Escola Estadual Henrique Diniz	X	-
Colégio Tiradentes da PMMG	X	-
Escola Estadual Professor Soares Ferreira	X	-
Escola Estadual Amilcar Savassi	X	-
Escola Estadual Dr. Alberto Vieira Pereira	X	-
Escola Estadual Senhora das Dores	X	-
Escola Estadual Professor João Anastácio	X	-
Escola Estadual Gabriela	X	-
Escola Estadual Deputado José Bonifácio Lafaiete de Andrada	X	-
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campus Barbacena)	X	-
Escola Preparatória de Cadetes do Ar	X	-
Sesi	X	X
Centro de Ensino Aprendiz	X	X
Colégio Imaculada Conceição	X	-
Escola Estadual Deputado José Bonifácio Lafaiete de Andrada	X	-
Santo Agostinho	X	-

Colégio Crispim Jacques Bias Fortes	X	-
Instituição Tenente Ferreira	-	X
Desafio Colégio Vestibulares e Cursos	X	X

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

### 3.9 - O Questionário dos Professores

Os próximos quadros representam a síntese das respostas dadas pelos professores que aceitaram responder o questionário destinado a eles. Apesar de um questionário destinado aos professores houve um esforço maior com a preparação das entrevistas semiestruturadas, porque havia uma expectativa das entrevistadas retratarem com mais detalhes os desafios cotidianos dos docentes, mas o questionário teve sua importância na composição do presente capítulo. É importante destacar também que a metodologia utilizada com entrevistas semiestruturadas não permitiria que todos os professores de Filosofia fossem entrevistados, a aplicação do questionário possibilitou a coleta de informações gerais sobre as práticas pedagógicas dos docentes responsáveis pelo ensino de Filosofia no ensino médio das escolas barbacenenses.

O primeiro quadro retrata a área de atuação dos professores de Filosofia no interior das escolas de Barbacena, sendo que, ao formular essa questão, nossa preocupação era verificar dois pontos: observar se o professor de Filosofia dedica-se exclusivamente às aulas de Filosofia ou dedica-se a outros encargos no interior da escola; e se, quando o professor entra na sala de aula para ensinar Filosofia, ele leva consigo apenas os dilemas de docente ou traz à sala de aula preocupações com outros setores da escola.

O total de professores entrevistados no questionário foram dezoito. Entre eles, quinze declararam atuar nas escolas somente como docentes. Como nossa pesquisa debruça-se sobre os desafios de ser um docente de Filosofia no ensino médio, o fato de 80% dos professores atuarem apenas como docente valida nossa preocupação de estudar e analisar possíveis obstáculos enfrentados pelos docentes de Filosofia, porque muitos professores responsáveis pela disciplina de Filosofia atuam exclusivamente com essa atividade na escola possibilitando um aperfeiçoamento das práticas de ensino dessa disciplina.

Dois professores de Filosofia declaram atuar na área administrativa da escola. O grupo constituído dos dois professores envolvidos com a área administrativa caracteriza-se pela necessidade de transitar da secretaria da escola para a sala de aula.

Um professor declarou no questionário atuar na direção da escola. Trata-se do diretor de uma escola particular de Barbacena/MG. O caso singular desse docente chamou nossa atenção; porque, sem desprezar as dificuldades enfrentadas pelos docentes que transitam da secretaria da escola para a sala de aula, é relevante o fato do professor ocupar a direção da escola, porque sua prática pedagógica sofre a interferência de preocupações típicas da direção: controle da disciplina na sala de aula, organização da semana de prova, entre outros aspectos de representar para os alunos o diretor da escola como seu professor, implica em questões relevantes, sobretudo, com assuntos relativos a semana de prova, disciplina na sala de aula, entre outros aspectos do cotidiano escolar facilitados ou agravados pela presença de um docente também diretor da escola.

<b>QUANTO A ATUAÇÃO DO DOCENTE DE FILOSOFIA NA ESCOLA</b>	
Apenas como docente de Filosofia	15
Área administrativa da Escola	02
Direção da Escola	01
Área pedagógica da Escola	-
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

### **3.10 - Por que Marilena Chauí?**

Outra pergunta direcionada para os docentes foi atinente aos livros didáticos adotados. Nossa pesquisa não pretende debater a questão de utilização do livro didático ou analisar os livros utilizados. Quando formulamos essa pergunta, nossa intenção era identificar os títulos e autores mais comuns, nas escolas barbacenenses, como material didático.

Podemos verificar no quadro baixo a diversidade dos títulos, mas chamou nossa atenção que, entre **13** títulos citados, **7** têm como autora a professora Marilena Chauí.

<b>RELAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS</b>	

<b>NOME DO LIVRO DIDÁTICO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Dez Lições de Filosofia (Gilberto Dimenstein, Heidi Strecker e Alvaro Cesar Giansanti)	01
Introdução à Filosofia (Marilena Chauí)	02
Apostila do Sistema de Ensino – SER	01
Um Convite à Filosofia (Marilena Chauí)	01
Filosofando (Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins)	03
Fundamentos de Filosofia (Gilberto Cotrim)	03
Filosofia (Marilena Chauí)	01
Iniciação à Filosofia (Marilena Chauí)	01

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.

### **3.11 - Diversidades de Temas**

No questionário para os docentes houve uma preocupação de levantar temas trabalhados na sala de aula na tentativa de identificar assuntos presentes nas aulas de Filosofia. Para organizar a exposição dos temas, transcrevemos na íntegra as respostas escritas pelos docentes e, imediatamente, percebemos a diversidade de temas.

Os diversos temas apresentados como assuntos presentes nas aulas de Filosofia demonstram a princípio um vasto campo de investigações filosóficas, mas uma análise crítica acaba trazendo à baila questionamentos quanto a validade dessa diversidade.

A primeira preocupação remete às Orientações Pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais para a disciplina de Filosofia. Alguns temas trabalhados pelos docentes não constam nas Orientações Pedagógicas e se sabemos os riscos de engessar as práticas pedagógicas, também não podemos desconsiderar o esforço da Secretaria de Educação para estabelecer uma plataforma comum para o currículo de Filosofia. Não podemos esquecer aquele discente que muda de escola durante o ano letivo. Para esse aluno, transitar de uma escola a outra sem variações robustas nos temas filosóficos é essencial para uma visão coesa do processo de aprendizagem do conteúdo filosófico.

Uma segunda questão relacionada com os temas descritos pelos docentes é a relação dos temas com o livro didático, nos casos que declaram utilizar livro didático, porque como

muitos docentes utilizam obras escritas pela professora Marilena Chauí, talvez os temas escolhidos sejam aqueles propostos pela professora.

Como última questão referente aos temas, chama nossa atenção a existência de assuntos abordados que são mais comuns em outras áreas do conhecimento. Alguns professores de Filosofia não são graduados (licenciados) em Filosofia e talvez escolham temas mais próximos de suas áreas de formação, entre os 18 entrevistados, sete deles não são graduados em filosofia; mas, assim, há o risco de desvios conceituais do tema estudado, saindo da tradição filosófica e assumindo olhares sociológicos, antropológicos, históricos, entre outros.

<b>TEMAS TRABALHADOS NA SALA DE AULA SEGUNDO OS DOCENTES</b>
O mundo moderno e seus questionamentos: pensando os preceitos filosóficos.
Política, cidadania, juventude, relações sociais, atualidades, outros.
Temas da atualidade para relacionar com os conteúdos a serem trabalhados.
Temas que o aluno consegue relacionar a sua realidade de vida com a Filosofia.
Temas atuais especialmente os que estão ligados a realidade dos alunos. Tais como: drogas, pedofilia, aborto, <i>bulling</i> , consumismo, tecnologia entre outros.
Filosofia cristã.
Temas relacionados à ética, à política, às relações do homem com o meio ambiente que são trabalhados juntamente com os tópicos principais da História da Filosofia.
Das relações cotidianas do mundo, o diferencial está na abordagem pois o objetivo está em provocar o encantamento e/ou espanto em relação as discussões e tematizações conceituais de Filosofia.
Por não ter livro didático procuro em revistas, jornais, vídeos, textos contemporâneos, contextualizar temas específicos de Filosofia com a atualidade.
Racismo, aborto, bioética.
Violência, drogas, leis do nosso país, acontecimentos da atualidade (greve, ditadura, censura) ...
Temas atuais ligados à política, cidadania, ética, moral.
Religião, política, arte, ciência.

FONTE: Questionário aplicado durante a pesquisa.



### **3.12 - Considerações finais.**

O propósito do capítulo III foi estabelecer um breve panorama do contexto escolar barbacenense na sua relação com o ensino de Filosofia. As informações não contempladas nos questionários aplicados para esse capítulo foram deixadas para aprofundamento no próximo capítulo, em que analisaremos as entrevistas semiestruturadas.

Algumas observações encontradas nesse panorama merecem um reforço nas considerações finais, porque estão relacionadas com nossa proposta de estudar desafios presentes nas práticas do ensino de Filosofia em Barbacena/MG. O equilíbrio entre o número de escolas públicas e particulares com ensino médio significa não existir uma rede de ensino predominante na cidade; outro aspecto de muita validade para a nossa pesquisa é a maioria das escolas públicas declararem que a chegada da disciplina de Filosofia ocorreu após o ano de 2008; para essas escolas, aparentemente, a disciplina só obteve reconhecimento depois da lei 11.684/08, obrigando sua presença no ensino médio. Também indica a interferência da lei 11.684/08 no reconhecimento da Filosofia como disciplina observar, nesse panorama, que mais de 90% das escolas tem a disciplina de Filosofia apenas no ensino médio, todas oferecem a Filosofia na modalidade de disciplina e mais de 90% das escolas tem só uma aula de Filosofia a cada semana para cada turma. Portanto, há indícios suficientes para pensarmos que as escolas de Barbacena/MG estão oferecendo a disciplina de Filosofia na estrita condição imposta pela legislação.

## CAPÍTULO 4

### ANALISANDO AS ENTREVISTAS

No presente capítulo faremos a análise das entrevistas semiestruturadas concedidas pelos três professores de Filosofia que aceitaram voluntariamente falar sobre os desafios enfrentados nas suas práticas escolares. A escolha de três professores justifica-se pelo tempo necessário para execução de todas as etapas das entrevistas: agendar, entrevistar, transcrever e analisar, assim sendo um número extenso de entrevistados poderia prejudicar o cumprimento da pesquisa dentro o período de dois anos. Antes de expor as informações adquiridas com as entrevistas precisamos destacar a importância da oralidade e explicar os critérios utilizados para convidar os professores entrevistados.

A escolha de um método baseado na oralidade cumpriu duas necessidades da pesquisa, porque permitiu que os desafios para ensinar Filosofia fossem descritos pelos próprios docentes, ou seja, ao descrever o cotidiano dentro da escola a partir dos relatos dos próprios professores de Filosofia, torna-se possível verificar fatos da vida real desafiadores para o docente de Filosofia. Além disso, ao colocar a oralidade como etapa da pesquisa, isso permitiu dar voz aos docentes de Filosofia, aproximando a investigação das demandas concretas da escola e seus agentes sociais.

Para escolher os três professores alguns critérios foram utilizados na medida em que tentar entrevistar a totalidade dos professores de Filosofia da cidade de Barbacena/MG ultrapassaria o tempo limite para elaboração de uma dissertação de mestrado. Afinal, a entrevista semiestrutura não se reduz ao mero ato de ligar o gravador. É preciso encontrar disponibilidade nas atividades diárias dos docentes, transcrever as respostas dadas e analisá-las na tentativa de encontrar possíveis ligações com o assunto investigado. Os critérios para escolha dos professores entrevistados foram pensados a partir dos questionários retratados no capítulo anterior. O trio entrevistado é composto de dois homens e uma mulher, sendo omitidos os nomes desses docentes, para garantir-lhes o direito ao anonimato.

No grupo masculino, temos um professor, graduado na Universidade Federal de Juiz de Fora, convidado para a entrevista porque, entre os professores que responderam ao questionário, ele declarou o maior tempo como professor de Filosofia, vinte e dois anos de sala de aula, com ensino médio. O segundo professor foi convidado porque leciona a disciplina de Filosofia no

ensino médio e no ensino superior, e também foi um dos poucos professores que declarou no questionário realizar algum projeto extraclasse com os alunos. A terceira entrevistada foi convidada pelo fato de não ser habilitada em Filosofia, ou seja, sua graduação é no curso de História. A entrevista da professora representa a experiência de um docente responsável pelo ensino de Filosofia sem possuir formação específica na área.

O grupo dos professores que responderam o questionário é composto de sete graduados fora do Curso de Filosofia, e assumiram as aulas de Filosofia sem possuírem graduação em Filosofia. Se para muitos professores graduados em Filosofia ensiná-la não é fácil imaginemos para os docentes oriundos de outras áreas do conhecimento, a própria professora, disse:

Olha a minha situação né, sem formação específica, sem nenhum curso sem livro didático e sem nenhum outro tipo de material didático, então sou uma professora de Filosofia de um dia para outro com giz e um quadro na mão, só isso, mais nada! (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena-MG)

Ela explica ao longo da entrevista os motivos de sua designação para as aulas de Filosofia, segundo a entrevistada, seu cargo é de professora de História, e como está efetivada no cargo para completar sua carga horária foi preenchida com aulas de Filosofia. No seu relato lemos: *sou uma professora de Filosofia de um dia para outro com giz e um quadro na mão*, no momento da designação a professora percebe-se perdida diante do compromisso dado a ela, e declara na sequência de sua fala:

Se você perguntar a minha dificuldade maior era conseguir passar uma matéria que eu considerava tão difícil e a Faculdade me reforçou mais isso quando eles não deram nada, eu passei a achar mais difícil ainda, como que eu que não tinha aprendido ia repassar para os alunos e como eu ia fazer?. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena-MG)

A designação de um professor graduado em área distinta da Filosofia pode no momento ser a única saída para as escolas existentes em regiões desprovidas de professores licenciados em Filosofia, mas a discussão sobre a pertinência dessa medida deve ser considerada e discutida, porque poderá afetar a compreensão do conteúdo filosófico pelos jovens do ensino médio.

A tensão entre a concepção da escola como instituição responsável pela preparação do aluno para o mundo do trabalho e as questões abordadas pela Filosofia apareceu como um desafio:

Os desafios que eu enfrento hoje para o ensino da Filosofia são bem objetivos, primeiro, uma sociedade pouco ou quase nada organizada em relação ao educar há uma necessidade muito grande em se adquirir certificados, diplomas, seja a nível fundamental, nível médio, nível superior (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

A documentação oficial sobre educação no Brasil não admite a escola como uma instituição voltada para a concorrência dos vestibulares ou concursos públicos, ao contrário, é comum encontrar nos textos oficiais termos como cidadania, reflexão, conhecimento, mas o mercado de trabalho promove como critério de ascensão social a aquisição do diploma e a aprovação nos concursos. Muitos alunos acabam esperando da escola uma base para ingressar no mercado de trabalho. Com isso, disciplinas com conteúdo descomprometido com provas e concursos públicos sofrem rejeição por parte dos discentes. O professor de Filosofia acaba se deparando com o questionamento sobre a pertinência de estudar Filosofia, uma vez que, no mercado de trabalho, não é comum esse conteúdo ser exigido nos postos de emprego.

Ainda na perspectiva da tensão entre o conteúdo ministrado na aula de Filosofia e as expectativas com o mercado de trabalho, um professor disse:

(...) cada professor acaba de uma certa forma trabalhando aquilo que os vestibulares, os Enens e algumas Universidades, (...) cobram dos seus alunos (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

O ensino de Filosofia pode promover questionamentos sobre as estruturas sociais e fenômenos econômicos, ou seja, a aula de Filosofia não deveria preocupar-se com processos seletivos após o ensino médio, mas não podemos desconsiderar as pressões exercidas sobre o professor, por exemplo, da família que espera da escola a preparação dos alunos para o mercado de trabalho.

No transcorrer das entrevistas a lei 11.684/08 e as suas repercussões não foram esquecidas. Houve declarações relacionadas com a obrigatoriedade da Filosofia no ensino médio foi avaliada como fator positivo, mas, ao mesmo tempo, desafiador, em função das demandas geradas com sua obrigatoriedade. O professor entrevistado recordou da sua formação no curso de Filosofia e as dificuldades esperadas, quando falou:

(...) me lembro da professora Ana Cambuzi nos dizendo como seria o nosso grande desafio, principalmente, nas matérias de Filosofia, uma vez que a mesma não era obrigatória na rede particular e tão pouco na rede pública tanto no Estado quanto no país (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

No capítulo I, quando apresentamos uma breve descrição da trajetória histórica da disciplina de Filosofia no Brasil, destacamos que a LDB de 1994, na antiga redação do seu artigo 36, exigia-se o ensino do conhecimento filosófico, mas o mesmo artigo não estabelecia a necessidade de uma disciplina de Filosofia. Deste modo, muitas escolas alegavam apresentar a discussão filosófica através das aulas de disciplinas afins, por exemplo, nas aulas de História e Sociologia. Um professor entrevistado cita que, na sua época de formação no curso de

Filosofia, a falta de uma regulamentação mais consistente dificultava a chegada do professor recém formado na sala de aula para ensinar Filosofia. Mas, outro professor entrevistado destacou aspectos negativos do processo de aprovação da lei 11.684/08, afirmando:

(...) com relação à lei 11.684 do ano 2008, houve um grande propósito político em se aprovar também, mas não houve uma organização a nível nacional para a instalação de fato enquanto ensino-aprendizagem (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

Na realidade, o professor equivocou-se afirmando falta de organização para a instalação da disciplina de Filosofia como obrigatória, porque desconsiderou na sua fala muitas ações de mobilização de professores, escolas e universidades ocorridas antes da inclusão da Filosofia no currículo escolar. Mas sua fala ilustra aquilo que muitos professores e demais profissionais das escolas imaginam, para muitos, a Filosofia chegou sem avisar e trouxe transtornos na elaboração da grade curricular da escola, e, nas instituições onde ocorre esse pensamento, o docente de Filosofia sofre as consequências da hostilidade de chegada da Filosofia quando desconhecida na escola as ações anteriores ao ano de 2008.

Mesmo preocupado com uma suposta falta de organização para a chegada da Filosofia, o professor não menospreza o valor pedagógico de sua presença e declara:

(...) houve uma necessidade política organizacional de tornar legal algo que existia conforme a vontade da direção da escola, Superintendência ou Estado, (...) hoje caminhamos de uma forma ainda um tanto bruta, mas começamos a nos organizar em relação ao projeto de ensino-aprendizagem (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

As últimas palavras do professor retratam uma realidade, passado mais de dois anos da lei 11.684/08, as atividades, pesquisas e ações governamentais para consolidar a disciplina de Filosofia aumentaram. Como exemplo, podemos citar a oferta de vaga para professor de Filosofia no concurso da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Minas Gerais previsto para o mês de março de 2012, e a chegada às escolas públicas de Minas Gerais de livros didáticos de Filosofia enviados pelo Governo Federal para todos os alunos do ensino médio.

As escolas elaboram uma tabela com os horários dispondo o momento de cada disciplina e com a obrigatoriedade da Filosofia a mesma compõe essa tabela de horários. Conjuga-se a isso que, no capítulo anterior, ao apresentarmos o quadro referente à quantidade de aulas semanais de Filosofia, já tínhamos questionado sobre as possibilidades de preparação da aula de Filosofia com um número mínimo de aulas na semana. Essa questão reapareceu na fala de um professor, ao dizer:

(...) a gente só tem uma aula semanal e, ao mesmo tempo, essas aulas, de uma certa forma, são colocadas, muitas das vezes, nos últimos horários em que os alunos já

estão querendo ir embora para suas casas. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

Uma aula semanal com duração média de cinquenta minutos limita as possibilidades de atividades pedagógicas do professor de Filosofia, mas muitas escolas adotam essa carga horária porque corresponde ao mínimo exigido pela legislação.

Na entrevista concedida professora aparece também a preocupação com a duração e a frequência das aulas oferecidas aos professores de Filosofia, e inclusive, cita outras atitudes da escola com interferência no desenvolvimento do conteúdo, ela declara:

Porque é só uma aula por semana e só nesse ano que tem livro didático, não tinha livro didático, então eles enxergam assim, não faziam a diferença entre uma aula de Filosofia ou se fosse de qualquer outra matéria, assim como a Arte, como Educação Física, a Sociologia, é como se fossem matérias menos privilegiadas, dentro da escola existe essa cultura, eles pegam o horário de um professor de Filosofia, por exemplo, contratado, e põe um horário todo “picado” para ele ir lá cinco dias na semana como se aquela matéria dele fosse menos importante do que as outras. Tem algum aviso eles passam na aula de Filosofia de Sociologia eles acham que são matérias menos importantes que as outras (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio)

Para tornar a situação mais delicada para o docente de Filosofia, o outro professor entrevistado, ainda analisando a oferta de uma aula semanal de Filosofia, manifesta o constrangimento sofrido em algumas escolas, ao afirmar que:

O Estado cria algumas diretrizes para que sejam cumpridas, mas atualmente ele tem optado em tirar da grade curricular disciplinas como Física, Biologia e Química para serem substituídos por Filosofia e Sociologia, porque é uma lei Federal, a Filosofia e a Sociologia elas vêm para complementar e não para subtrair (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

A preocupação desse professor é bastante pertinente, na medida em que, retirar do currículo da escola, disciplinas tradicionais, ou consideradas de maior relevância pelos alunos sem contextualizar essa substituição, ou sem planejar a entrada da disciplina de Filosofia na grade escolar, poderá criar uma imagem negativa da Filosofia perante os alunos e professores de outras disciplinas, sobretudo, das disciplinas com carga reduzida após a chegada da Filosofia na escola. Nas escolas onde esse processo ocorre torna-se um desafio para o docente lidar com um ambiente onde ele e sua disciplina são vistos como intrusos.

Na medida em que o professor de Filosofia encontra-se com cada turma do ensino médio somente uma vez na semana produz dificuldades no desenvolvimento dos conteúdos estudados, porque alguns assuntos para serem efetivamente compreendidos pelos alunos demandam tempo suficiente para os discentes perceber como o conceito foi construído ao longo da História da Filosofia ou no transcorrer da vida de um filósofo. Um exemplo: caso o

professor de Filosofia queria trabalhar com seus alunos o conceito de Dialética na Filosofia de Hegel, para essa tarefa, o tempo será fundamental seja pela complexidade do conceito na própria filosofia do pensador alemão, seja pelas mudanças sofridas pelo conceito da sua origem grega até o tempo de Hegel. O tempo auxilia no amadurecimento do conceito e de quem o estuda. Entre os professores entrevistados, essa dificuldade foi citada:

Você não consegue chegar à ética, raras vezes eu consegui chegar à estética porque eu estava “agarrado” lá em Platão, em Sócrates para chegar à frente é necessário trabalhar o anterior com cuidado. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

Quando o professor diz: para chegar à frente é necessário trabalhar o anterior com cuidado, ele expressa com exatidão que uma aula semanal para cada turma implica na redução do tempo do professor na sala de aula com os alunos. Assim, a progressão de um conceito acaba sendo prejudicada, principalmente, se o docente tiver a preocupação de deixar o conceito somente quando os discentes sabem o suficiente para que outro conceito seja trabalhado.

No capítulo III constatamos que as escolas particulares de Barbacena/MG ofereciam aos seus alunos do ensino médio a disciplina de Filosofia antes mesmo do ano de 2008, no entanto, ao investigar as escolas estaduais percebemos que poucas disponibilizavam a disciplina de Filosofia. A ausência da disciplina antes do ano de 2008, sobretudo nas escolas estaduais, produz nos desconhecedores da história da disciplina de Filosofia no Brasil uma falsa imagem de que a presença da Filosofia seria uma novidade inconveniente. Um dos professores entrevistados, disse:

(...) infelizmente a gente ouviu de secretário dizendo que a Filosofia caiu como paraquedas, ela está ali porque é uma obrigatoriedade, que se não fosse obrigado, talvez ela nem estivesse na grade (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

Quando os profissionais responsáveis pela condução pedagógica ou administrativa das escolas julgarem a Filosofia como disciplina imposta, a tensão entre professor de Filosofia e o aluno poderá ser afetada. O aluno com uma atenção voltada para os todos os fenômenos internos da escola perceberá, com facilidade, o desgaste do docente de Filosofia perante educadores.

Uma solução, para a Filosofia adquirir reconhecimento junto aos alunos, seriam as atividades interdisciplinares. A interdisciplinaridade, quando se trata do conteúdo de Filosofia, não é tarefa difícil, na medida em que muitos saberes hoje difundidos na escola foram inaugurados a partir de perguntas filosóficas. Mas, mesmo existindo riqueza nos temas discutidos na

História da Filosofia, podemos encontrar resistência de alguns professores para atividades interdisciplinares na escola. Como disse um dos professores entrevistados:

No dia a dia da escola encontro desafios os mais diversos como lidar com os próprios colegas professores de outras disciplinas que raríssimas vezes, muito raríssima, contribuem para fazer um trabalho interdisciplinar. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

Apesar do professor deixar explícito sua dificuldade de inserir na escola onde trabalha um projeto interdisciplinar com a Filosofia, não podemos considerar, a partir de sua fala, que todos os docentes vivem esse desafio. Na própria pesquisa, outro professor entrevistado declarou:

(...) para o segundo semestre estamos pensando no projeto de Filosofia e Literatura e no primeiro semestre terá o desenvolvimento no que estamos chamando de Cinecic. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

Para esse professor pensar um projeto interdisciplinar envolvendo a Filosofia não é tarefa improvável. Mas, tais projetos nem sempre encontram um ambiente escolar interessado com o desenvolvimento de atividades filosóficas interdisciplinares ou extraclasse, portanto apesar das múltiplas possibilidades de intercâmbio entre Filosofia e demais disciplinas alguns docentes sofrem com o desinteresse de colegas de escola sem motivação para dialogar com a Filosofia.

A temática da interdisciplinaridade tem relação direta com a importância dada à Filosofia pelos outros professores da escola. Ou seja, a possibilidade dos professores de outras disciplinas perceberem a riqueza dos conceitos presentes na Filosofia e as possibilidades de relacioná-los com as demais áreas do saber. Não podemos desconsiderar ser uma característica do pensar filosófico, e que para alguns professores é um incômodo, a postura crítica dos filósofos diante do real. Os filósofos, quando formulam seus conceitos, observam a realidade concreta de modo crítico e reflexivo, atitudes nem sempre bem recebidas. E, quando um professor de Filosofia apresenta aos seus alunos e colegas de trabalho essas reflexões, pode ser mal compreendido pelos professores mais resistentes ao pensar questionador. Um dos professores entrevistados chegou a expressar essa questão:

Os professores das outras disciplinas raramente lidam com o conceito do ensino de Filosofia como algo que inclusive vai ajudá-los a fazer o aluno pensar as suas disciplinas, sejam quais forem, pois eles estão acostumados ao lugar comum (...). (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)



Nessa questão haverá múltiplas realidades, ou seja, possivelmente alguns professores de filosofia encontrarão nas escolas em que trabalham professores adeptos da postura crítica e reflexiva diante do cotidiano e da natureza, mas existem realidades, próximas da descrita pelo entrevistado, em que a postura filosófica torna-se um inconveniente aos demais professores. O mesmo professor da última citação explica, em sua opinião, os motivos da Filosofia incomodar alguns professores:

A Filosofia (...) vem transformar, ela vem modificar, ela vem tirar o pé, ela vem acabar com aquela forma única de pensar sobre algo ou alguma coisa (...) (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

A declaração do professor explica as características da postura filosófica que pode causar incômodo entre outros professores. Essa postura crítica e reflexiva diante do mundo real, na verdade, não é privilégio do filósofo. Inclusive, Gilles Deleuze, ao justificar porque a Filosofia para ele é criar conceitos, explica também que Filosofia não é reflexão sobre o mundo, porque outras áreas do saber humano também fazem suas reflexões do mundo, não é exclusividade da Filosofia a atitude crítica; mas, no cotidiano escolar e até mesmo nos ambientes universitários, é comum encontrar uma concepção de Filosofia como sendo a forma de conhecimento humano caracterizado pela crítica e reflexão. Apesar da Filosofia não ser privilegiada e os filósofos não serem os únicos pensadores, a visão muito comum do filósofo como alguém pensando o mundo e desconstruindo seus alicerces pode causar resistência nos professores de outras disciplinas.

No capítulo III, apresentamos um quadro descrevendo as escolas em que a Filosofia era oferecida antes do aluno chegar ao ensino médio. Um dos professores entrevistados leciona numa instituição em que a Filosofia está presente nos anos anteriores ao ensino médio, e ele soube lembrar-se disso:

(...) desde as séries iniciais trabalha com a Filosofia, então, quando os alunos já chegam na idade de ensino médio, eles já têm um certo contato com a Filosofia e, com isso, não estranham tanto como outros alunos que não tem essa condição. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

A escola, que antecipava o ensino de Filosofia, auxilia o professor do ensino médio no desenvolvimento do seu trabalho, porque a antecipação auxilia na ambientação do aluno quando chegar ao ensino médio, e também propicia o amadurecimento de conceitos estudados na Filosofia. Como o professor disse: *com isso, não estranham tanto como outros alunos que não têm essa condição*, ou seja, para o aluno que saiba, no mínimo da existência da Filosofia

como uma entre as formas de conhecimento humano, a disciplina de Filosofia no ensino médio não será um fato inesperado e sem sentido. Ressaltamos ainda que, tendo na escola um trabalho de introdução à Filosofia antes mesmo do aluno chegar à educação média, seria uma possível solução para o tempo reduzido, de apenas uma aula semanal, o que poderia possibilitar o estudo de conceitos filosóficos mais complexos. Ou seja, um conceito pode ser trabalhado vagarosamente até o aluno chegar ao ensino médio.

No capítulo II, fizemos uma referência à preocupação de Gilles Deleuze com a preparação das aulas. Um dos professores tentou descrever, neste sentido, suas preocupações:

Com relação ao preparar minhas aulas de Filosofia, eu procuro fazer uma adaptação breve, bem leve, suave, dócil com exemplos que possam atrair o jovem. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

Na descrição de suas preocupações, o professor demonstra uma necessidade de adequar o vocabulário encontrado nos textos filosóficos para alunos jovens. Talvez, o receio seja utilizar uma linguagem muito rebuscada e afastar o interesse do jovem. Esse exercício, de modificar o vocabulário dos filósofos sem descaracterizar seu conteúdo, é difícil na medida em que o filósofo, ao produzir seus textos, nem sempre se preocupa com um entendimento imediato dos conceitos expostos. Outra questão presente na fala do professor é o uso de exemplos, *com exemplos que possam atrair o jovem*, na tentativa de fazer o aluno compreender o conteúdo lecionado. Isso pode ajudar no entendimento, mas o exemplo precisa ser cuidadosamente escolhido para evitar erros conceituais, pois um exemplo, quase sempre, torna-se uma figura mental de referência.

Quando falamos de preparação de uma aula é importante pensar quais são os assuntos, temas ou conceitos indispensáveis para o estudante de Filosofia. Assim, o conteúdo programado para aulas tem relação direta com o preparo da aula. Sobre isso, um professor disse: *faz-se mister ressaltar que passar pelos pré-socráticos é obrigatoriedade, Sócrates, Platão, Aristóteles*. Na concepção desse professor, os filósofos pré-socráticos são obrigatoriedade, mas determinar um assunto como obrigatório nas aulas de Filosofia permite o risco da falta de flexibilidade das discussões com os discentes. Apesar do risco de determinar o conteúdo filosófico para uma aula de Filosofia, não podemos desconsiderar a existência dos PCNs de Filosofia, do CBC de Filosofia e, no caso do Estado de Minas Gerais, das Orientações Pedagógicas para Filosofia. Esses documentos são elaborados e, muitas vezes, os professores são supervisionados pelas secretarias de educação quanto o cumprimento desses documentos

nos seus planos de aula. Não desejamos discutir, nessa pesquisa, o mérito desses documentos oficiais, mas a escolha do conteúdo programático reflete na preparação das aulas.

Ainda pensando a preparação das aulas, um professor se referiu à chegada de livros didáticos de Filosofia nas escolas para os alunos do ensino médio, e essa iniciativa ocorre pela primeira vez no Estado de Minas Gerais. Sobre os livros didáticos, disse um professor:

A bibliografia que é adotada é, normalmente, aquela que a escola oferece, porque, somente agora em 2012, a escola vai oferecer livro didático ao aluno para 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. Isso nunca aconteceu, em cada cabeça de algum professor habilitado em Filosofia havia um livro. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

A chegada do livro didático poderá no futuro ser objeto de outra pesquisa. Afinal, quando o Governo oferece ao aluno um material didático para estimular o estudo daquele conteúdo, é um estímulo para a disciplina, mas o livro didático acaba direcionando os conteúdos, exercícios e assuntos abordados, tirando um pouco da liberdade de planejamento do docente.

No capítulo III, foi observado que as escolas oferecem a Filosofia na modalidade de disciplina. Com isso, temos predominante carga horária de uma aula semanal para cada turma, mas um dos professores entrevistados descreveu um projeto interessante para motivar os alunos para o estudo da Filosofia. O professor o descreveu assim:

Fizemos um projeto com a Pontífice Universidade Católica chamado Minionu, um projeto feito pelo curso de relações internacionais que simula uma situação, a mesma que acontece dentro da ONU. (FONTE: entrevistas com professores de Filosofia das escolas com ensino médio de Barbacena – MG)

O projeto Minionu, pelo que explicou para mim o professor entrevistado, é organizado pela PUC-MG e coordenado pelo curso de relações internacionais, várias escolas participam, inclusive, escolas de outros países da América Latina. Cada escola escolhe cinco alunos para representá-la no encontro, reúnem-se todos os alunos e simulam uma plenária da ONU, na qual cada grupo representa e defende um país. O projeto Mionu produz nos alunos interesse para estudar todas as questões atinentes a um país e, no caso específico do professor entrevistado, ele declara utilizar o processo de seleção dos cinco alunos para realizar, junto às turmas do ensino médio, tarefas de pesquisa sobre o país à luz de reflexões filosóficas. Um projeto como o Minionu ou algum outro projeto pedagógico quando coordenado pelo professor de Filosofia pode auxiliar muito no ensino de Filosofia, porque propicia ao discente um espaço dinâmico de discussão e estudo de temas filosóficos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa nosso objetivo foi investigar os desafios enfrentados pelos professores de Filosofia das escolas com ensino médio na cidade de Barbacena/MG. Sendo que, a ideia de elaborar uma dissertação de mestrado com a temática do ensino de Filosofia teve como marco a aprovação da lei 11.684/08, que tornou a Filosofia uma disciplina obrigatória nas escolas brasileiras com ensino médio e gerando, logo em seguida, consequências práticas da ampliação de sua oferta.

Após a aprovação da lei 11.684/08, todas as escolas com ensino médio em Barbacena/MG passaram a oferecer a disciplina de Filosofia, conforme exposto no quadro: *Quanto à Introdução do Ensino de Filosofia*, presente no capítulo III. A Filosofia como disciplina expandiu-se na medida em que a maior parte das escolas barbacenenses da rede pública estadual não ofereciam aos seus alunos a disciplina de Filosofia antes do ano de 2008, e essa expansão da presença da Filosofia nas escolas implicou na intensificação de discussões acerca das práticas pedagógicas relacionadas com a difícil tarefa de ensinar Filosofia.

Quando desenvolvemos o capítulo I, a intenção foi fixar a lei 11.684/08 como marco temporal significativo para uma história da disciplina de Filosofia e mostrar como ela ampliou sua presença nas escolas brasileiras; mas, ao mesmo tempo, procuramos, em linhas gerais, destacar episódios da história da educação brasileira com presença da Filosofia para, assim, evitar uma avaliação equivocada da chegada da Filosofia como novidade. Não se trata de novidade porque a Filosofia já esteve presente em outros episódios da história da educação brasileira, evidentemente, com características diferentes para cada época analisada.

Um episódio na história da disciplina de Filosofia ocupou, na nossa compreensão, uma situação de destaque, porque contribuiu para uma interpretação equivocada que a atual presença da Filosofia no ensino médio seria fato novo. Refiro-me aos anos de República Militar (1964 – 1985), fase da História da política do Brasil caracterizada pela instauração de um Governo gerenciado pelas Forças Armadas. Como exposto no capítulo I, o Governo Militar enfraqueceu a importância do ensino de Filosofia e fortaleceu as disciplinas de OSPB e EPB. Assim, após a redemocratização do Estado brasileiro, algumas escolas não retornaram com o ensino de Filosofia, mesmo com a LDB de 1994 declarando, no seu artigo 36, a necessidade de oferecer aos alunos do ensino médio conhecimento filosófico. Na prática,

muitas escolas permaneciam sem aulas específicas de Filosofia alegando oferecer o conhecimento filosófico através das disciplinas afins como a História e a Geografia. Apesar do desprestígio da disciplina de Filosofia do currículo não ser um fato histórico exclusivo do período de Governo Militar, esse momento, pela sua proximidade com a contemporaneidade, causou questionamentos com relação a sua presença obrigatória para o ensino médio.

Com a aprovação da lei 11.684/08, as escolas, as universidades e os Estados se depararam com a obrigação de oferecer a disciplina de Filosofia dentro dos parâmetros legais, enquanto, os docentes de Filosofia se depararam com a necessidade de garantir uma presença efetiva do seu ensino. À luz desta situação, elaboramos esse estudo sobre os desafios cotidianos enfrentados hoje pelos docentes de Filosofia, sabendo que muitos desses desafios não serão solucionados de imediato.

O pensador que nos auxiliou nas investigações foi o filósofo francês Gilles Deleuze. Optamos por ele como motivação teórica devido ao fato desse filósofo francês ter atuado como professor de Filosofia em escolas francesas. Assim, a vida de G. Deleuze nos remete à imagem do filósofo/professor, ou seja, um intelectual que transitou entre as atividades na escola média e o ensino universitário/acadêmico, um pensador dedicado a escrita de obras importantes na História da Filosofia e, ainda, um professor que se deparou com jovens procurando conhecer algo de Filosofia. Como o leitor pôde perceber no capítulo II, foi buscado nas obras de Gilles Deleuze conceitos de composição de uma aula e a própria definição deleuziana para Filosofia: ela cria conceitos. Muitas contribuições para esta pesquisa partiram de uma entrevista concedida pelo filósofo à jornalista Claire Parnet. Nesta entrevista privilegiamos, sobretudo, os momentos em que o filósofo descreve seus tempos como professor de Filosofia. Em nossas leituras de G. Deleuze voltadas para pesquisa, algumas reflexões ecoaram com mais intensidade durante a elaboração dos capítulos III e IV, das quais destacamos as seguintes reflexões:

a) *A preparação das aulas*: Uma preocupação de Gilles Deleuze durante sua experiência como professor foi com a preparação das aulas, para ele o professor necessita preparar bem suas aulas, ou seja, dedicar um tempo para estudar o assunto e para planejar o modo de apresentá-lo. A responsabilidade do professor de dar à aula deve ser assumida com dignidade não se contentando com a apresentação de um conteúdo improvisado ou mal apresentado. Nesse ponto destacamos a iniciativa de um dos professores entrevistados, porque quando se viu designada para as aulas de Filosofia produziu uma apostila com textos na tentativa de

subsidiar suas aulas; naquele momento, a escola não havia recebido livros didáticos de Filosofia, a iniciativa da professora evitou um sentimento de mediocridade nas aulas de Filosofia.

b) *Motivação*: A motivação aparece na entrevista concedida por Gilles Deleuze quando descreve o momento de retirada da atividade docente na escola e ingresso na docência universitária. O filósofo descreveu a perda da motivação para lecionar nas escolas após certo desinteresse das novas gerações pelo debate filosófico. A motivação aparece em G. Deleuze como elemento importante de composição da prática na sala de aula, a ponto de ele distanciar-se da atividade docente quando percebeu a queda de sua motivação.

c) *Tempo*: Um conceito filosófico para Gilles Deleuze na sua complexidade exige quase sempre tempo para ser compreendido na sua totalidade; assim sendo, quando o professor apresenta um conceito aos seus alunos, o tempo torna-se um componente importante para entender o conceito. Nesse ponto, expressamos, nos capítulos III e IV, nossa preocupação com a quantidade e duração das aulas semanais de Filosofia. As escolas, para atender a lei, oferecem uma aula na semana para cada turma de ensino médio, com duração de cinquenta minutos. A quantidade de aulas e sua duração interferem na condução das aulas, a ponto de um professor entrevistado declara que, por exemplo, não consegue chegar à estética, porque não tem tempo de concluir suas exposições sobre Platão.

d) *Aula como uma música*: No seu estudo sobre a filosofia de Leibniz, exposto em *A Dobra*, Gilles Deleuze relaciona a música com as Dobras do universo, ou seja, relaciona a harmonia existente na composição da música com a harmonia presente nas dobras do mundo. Na entrevista concedida à Claire Parnet, o filósofo retorna com a analogia da música, mas agora comparando a aula com uma música. O filósofo não se preocupou, na entrevista, em analisar com profundidade essa relação, no entanto, disse o suficiente para percebermos, que na sua concepção de aula existiu uma procura pela harmonia, pela sintonia, pelo ritmo, a aula como uma atividade preparada com a mesma preocupação e cuidados executados pelo compositor ao criar uma música. Aparentemente, na concepção de Gilles Deleuze, o esforço do músico em buscar harmonia e beleza na sua música tem relação com a dedicação do professor com a preparação da aula.

Os tópicos acima apresentados, como contribuições utilizadas no desenvolvimento da pesquisa a partir da Filosofia de Gilles Deleuze, não esgotam as possibilidades interpretativas dos textos do filósofo francês na sua relação com o ensino de Filosofia. Temos consciência

que outras questões podem aparecer nas investigações realizadas sobre o ensino de Filosofia e as obras de Gilles Deleuze. Apesar da consciência da impossibilidade dos tópicos apresentados esgotarem futuras interpretações, nosso esforço foi estabelecer algumas discussões oriundas da Filosofia de G. Deleuze relevantes para os métodos aplicados na busca de dados para a pesquisa.

A partir das questões trazidas a baila com a Filosofia de G. Deleuze, elaboramos os capítulos III e IV, em que foram apresentados os dados e as análises obtidas após aplicação dos questionários direcionados aos pedagogos, diretores e professores, e as entrevistas semiestruturadas realizadas com três professores de Filosofia no ensino médio. Um dos professores declarou estar na docência de Filosofia há vinte e dois anos, portanto, dos professores que responderam os questionários, ele possui o maior tempo de sala de aula; uma professora, graduada no curso de História, leciona Filosofia porque, na condição de efetiva, a carga horária do seu cargo foi complementada com aulas de Filosofia e Sociologia. Para nós, entre os dados obtidos com os questionários e relatos das entrevistas, foram marcantes os seguintes pontos:

a) *A introdução do ensino de Filosofia:* Na rede particular de ensino de Barbacena, a disciplina de Filosofia estava presente antes mesmo da aprovação da lei 11.684/08, ao passo que, na rede pública de ensino poucas escolas tinham a disciplina. Chamou nossa atenção o fato da disciplina de Filosofia na rede particular de ensino antecipar a aprovação da lei de 2008; enquanto, na rede pública, predominam escolas cuja disciplina de Filosofia retornou com a lei 11.684/08; talvez, para as escolas da rede pública de ensino, a presença da Filosofia trouxesse mais adversidades com sua presença “repentina”, do que nas escolas particulares.

b) *A modalidade de disciplina:* Todas as escolas declararam no questionário que oferecem a Filosofia na modalidade de disciplina. Mas, pelas características do saber filosófico seria importante tentar apresentar a Filosofia através de outras modalidades, como por exemplo, grupos de estudo, oficinas de filosofia, experiências que, apesar de não ser objeto de estudo da nossa pesquisa, já estão ocorrendo com sucesso em algumas escolas brasileiras.

c) *Uma aula na semana:* Predomina a carga horária de uma aula de Filosofia na semana para cada turma do ensino médio. Uma aula representa, para o retorno da disciplina, um ponto positivo, mas não podemos deixar de questionar se, com cinquenta minutos semanais, o docente consegue desenvolver uma aula com todos os elementos necessários.

Nos tópicos acima, destacamos os pontos obtidos nos questionários após análise das respostas, mas outro método utilizado foram as entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram momentos fundamentais da pesquisa, pois permitiram ouvir aqueles envolvidos no dia a dia com a realidade da Filosofia na escola, ou seja, os relatos de cada professor de Filosofia entrevistado expressam as demandas atuais e práticas daqueles que estão diante da tarefa de ensinar Filosofia para jovens do ensino médio.

Muitas questões relevantes apareceram também nas entrevistas e, dessas, merecem destaques:

a) *A substituição de outras disciplinas para ter aula de Filosofia:* A retirada de disciplinas como Física ou Química de maneira bruta, sem contextualizar os motivos da chegada da Filosofia causa, nos alunos e professores de outras disciplinas um preconceito com o saber filosófico. Um dos professores entrevistado afirmou que: *a Filosofia está na escola para somar e não para subtrair*; nesta perspectiva, o momento é de consolidar os espaços obtidos pela Filosofia no currículo do ensino médio, sem estabelecer com outras disciplinas uma disputa pela presença, porque no processo pedagógico não há supremacia de nenhuma área do conhecimento; ao contrário, a possibilidade de contato com múltiplas áreas do conhecimento amplia as possibilidades de compreensão dos alunos. A Filosofia, como disciplina escolar, não deve substituir nem tencionar com outra disciplina, deve ter seu espaço e conviver com as demais disciplinas no espaço escolar.

b) *A carga horária reduzida e a disposição na grade das disciplinas:* A carga horária predominante é uma aula semanal para cada turma do ensino médio. Com essa carga horária torna-se difícil aprofundar temas ou conceitos filosóficos, e também a duração de cinquenta minutos, muitas vezes, dificulta e, até mesmo, impede atividades pedagógicas dinâmicas tais como ver um filme, realizar um seminário, entre outras. A organização da grade das disciplinas também foi apontada como desafio. Um professor entrevistado declarou que a disciplina de Filosofia, muitas vezes, é colocada no último horário, justamente, o período de maior ansiedade dos alunos para o fim da aula. A professora entrevistada destacou que no horário da aula de Filosofia muitas vezes ocorrem as reuniões de professores ou utilizam para transmitir recados para as turmas, como se as aulas de Filosofia fossem menos importantes e falou, também, da dificuldade de conduzir a aula de Filosofia imediatamente antes ou depois da aula de Sociologia. Como se os conteúdos estudados nas disciplinas de Filosofia e Sociologia fossem idênticos e não houvesse necessidade de um intervalo entre as duas aulas. Essa preocupação da professora com a transição da aula de Filosofia para Sociologia justifica-



se porque ela leciona as duas disciplinas, apesar de ser graduada em História, para as mesmas turmas de ensino médio.

c) *A dificuldade para a Interdisciplinaridade:* Nas entrevistas, dois professores expressaram a dificuldade para executar uma atividade interdisciplinar, porque existe resistência de alguns professores com relação à presença da Filosofia no currículo. Apesar da riqueza da Filosofia para uma atividade interdisciplinar, pois muitos filósofos discutiram outras áreas do conhecimento, muitos professores menosprezam a disciplina de Filosofia como fosse somente um conteúdo complementar imposto pela lei.

d) *Formação acadêmica:* Para atender a exigência da lei 11.648/08, algumas escolas designaram, para as aulas de Filosofia, professores com formação não filosófica, inclusive, a própria Secretaria da Educação de Minas Gerais, para complementar a carga horária de professores efetivos no cargo de História e Geografia, utilizou esse tipo de designação. A designação de professores sem formação filosófica produz dois desafios, porque, para o professor, redobra a necessidade de preparação das aulas, uma vez que a formação acadêmica ocorreu fora da Filosofia e os alunos, nem sempre, tem suas dúvidas respondidas, já que o professor não consegue lidar por completo com o vocabulário filosófico.

e) *Reunir os professores de Filosofia:* Um professor entrevistado declarou sua preocupação com falta de diálogo entre os diversos docentes de Filosofia em Barbacena/MG, ou seja, para ele os professores de Filosofia da cidade poderiam troca experiências, mas não existe esse intercâmbio e cada docente acaba agindo isoladamente. Uma tentativa de reunir os docentes para discutir suas experiências e dificuldades poderia auxiliar no aperfeiçoamento pedagógico da disciplina, assim, a sugestão desses professores soa como um projeto pertinente para o futuro. Portanto, concordamos que há a necessidade dos professores de Filosofia, que ensinam no ensino médio barbacenense, se encontrarem para trocar experiências, discutir os conteúdos lecionados, entre outros assuntos úteis para o aperfeiçoamento do ensino de Filosofia.

Todas as questões observadas nas entrevistas expressam o quanto ensinar Filosofia é uma tarefa desafiadora. Com a obrigatoriedade de Filosofia no ensino médio, a discussão sobre as práticas de ensino de Filosofia tornou-se de interesse da rede de ensino, porque, se antes a existência da disciplina, era pontual, hoje, sua oferta está ampliada, criando um contexto propício para pesquisas sobre as possibilidades de aprimoramento do ensino de Filosofia.

Nas considerações finais não poderíamos deixar de destacar a receptividade de todos os professores, pedagogos e diretores procurados durante a pesquisa. Quando apresentávamos os objetivos da pesquisa muitos dos professores manifestavam apoio e não economizavam elogios pela iniciativa, ou seja, existe entre os professores uma expectativa para estudos voltados para o ensino de Filosofia.

A cidade de Barbacena/MG possui uma numerosa comunidade escolar no ensino médio e como, para muitas escolas da rede de ensino barbacenense, a Filosofia retornou ou chegou após o ano de 2008, uma investigação sobre as práticas de ensino de Filosofia contribui para a melhoria da educação na rede de ensino do município.

O futuro para as pesquisas sobre o ensino de Filosofia no Estado de Minas Gerais é promissor, porque o Governo Estadual deverá ampliar a presença da disciplina para todas as escolas mineiras. Uma medida do Governo Estadual, representativo do futuro promissor para pesquisas nessa área, foi o concurso para professores da rede estadual de ensino, no dia 04 de março de 2012. No edital constou vagas para professores de Filosofia. Minha graduação em Filosofia ocorreu no ano de 2003 e, pela primeira vez, após minha formatura na UFSJ, o governo mineiro efetivará servidores públicos estaduais para assumirem as aulas de Filosofia na rede de ensino do Estado. Percebe-se, com isso, que a lei 11.648/08 fortaleceu a Filosofia como disciplina escolar, mas a ampliação da presença do ensino de Filosofia faz do futuro um tempo desafiador.

A disciplina de Filosofia não poderá só chegar no ensino médio, mas deverá ser lapidada, a cada novo ano letivo, para sua chegada representar o desenvolvimento de um educação de qualidade.

Concluindo, sabemos que nossa pesquisa não responderá as inquietudes dos docentes de Filosofia, mas, ao se debruçar sobre alguns desafios enfrentados por eles, esperamos ter contribuído para uma presença positiva da Filosofia no cotidiano das escolas de Barbacena/MG.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Dalton José. **A Filosofia no ensino médio: Ambigüidades e contradições na LDB.** Autores Associados. Campinas – SP. 2002. 153 p.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Disciplinas Escolares: História e Pesquisa.** In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda e RANZI, Sirlei Maria Fischer (orgs.). *História das Disciplinas no Brasil: Contribuições para o Debate.* Bragança Paulista – SP. 9 – 38 p.

BRASIL. **Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008.** Torna obrigatório o Ensino das disciplinas de Filosofia e Sociologia no ensino médio. Brasília – DF.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília – DF.

BRASIL. **Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 1998.** Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio. Brasília: MEC/CNE, 1998.

BRASIL. **Resolução CEB nº 4, de 16 de agosto de 2006.** Altera o artigo 10 da resolução CNE/CEB nº 3/98. Brasília, 2006.

BRASIL. **Parecer CEB nº 38.** Inclusão Obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Brasília: MEC/CNE, 2006.

BRASIL. **Decreto 981 de 08 de novembro de 1890.** Aprova o Regimento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal. Palácio do Governo Provisório.

BRASIL. **Decreto 3914 de 26 de janeiro de 1901.** Aprova o Regulamento para o Ginásio Nacional. Capital Federal.

BRASIL. **Decreto 11.530 de 18 de março de 1915.** Reorganiza o Ensino Secundário e Superior na República. Rio de Janeiro.

BRASIL. **LDB 5692 de 11 de agosto de 1971.** Fixa as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília – DF.

GICÓIA, Oswaldo Jr. Sobre o filósofo como educador. In: ZUIN, Antônio A. S; PUCCI, Bruno, OLIVEIRA, Newton de Ramos. **Ensaio Frankfurtianos**. Cortez. São Paulo – SP., 2004. 97p – 116p.

DELEUZE, Gilles. **Abecedário de Gilles Deleuze**. In: [www.bibliotecanomade.blogspot.com.br](http://www.bibliotecanomade.blogspot.com.br)

ESCOBAR, Carlos Henrique de (orgs). **Dossier Deleuze**. Editora Hólón. Riode Janeiro – RJ. 1991. 182 p.

GALLO, Sílvio e GOTO, Roberto (orgs.). **Da Filosofia como disciplina: Desafios e perspectivas**. Coleção Filosofar é Preciso. Loyola. São Paulo – SP, 2011. 150p.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Qu'est-ce que la Philosophie?**. Reprise n° 13. Les Éditions de Minuit. Paris. 1991.206 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad.: Peter Pál Pelbart. Editora 34. Coleção Trans. Rio de Janeiro – RJ. 1º ed. 1992. 226 p.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Trad: Luiz Roberto Salinas Fortes. Coleção Estudos. Editora Perspectiva. São Paulo – SP. 2º ed. 1988. 342 p.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Trad: Luiz B. L. Orlandi. Editora Papyrus. Campinas – SP. 1991. 212 p.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a Filosofia**. Editora Graal. Rio de Janeiro – RJ. 1990. 242 p.

SAVIANI, Durmeval. **Política e Educação no Brasil: O Papel do Congresso Nacional na Legislação do Ensino**. Autores Associados. 2º edição. Coleção Educação Contemporânea. São Paulo – SP. 1988. 162 p.

SILVEIRA, Renê J. T. e GOTO, Roberto (orgs). **Filosofia no Ensino Médio: Temas. Problemas e Propostas**. Coleção Filosofar é Preciso. Editora Loyola. São Paulo – SP. 2007. 117 p.

VICENTINI, Paula E LUGHI, Rosário G. **História da Profissão Docente no Brasil: Uma síntese fragmentada. História da Profissão Docente no Brasil: Representação em Disputa**. Cortez. São Paulo – SP. 2009.

**ANEXOS**



**PPEDU - Programa de Pós-Graduação em Processo Socioeducativos e Práticas Escolares**

**QUESTIONÁRIO (direcionado aos diretores ou pedagogos)**

No ano de 2008 o Congresso Nacional Brasileiro aprovou a lei 11.684/08, que institui a obrigatoriedade para as todas as instituições escolares com ensino médio de oferecerem a disciplina de Filosofia. Todas as disciplinas existentes no currículo escolar têm seus desafios e nossa pesquisa se debruça sobre os desafios enfrentados pelos docentes de Filosofia no ensino médio. As instituições de ensino da cidade de Barbacena/MG com seus respectivos docentes de Filosofia representam o universo pesquisado. Os resultados obtidos serão apresentados para titulação de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSJ. O presente questionário integra o conjunto de recursos metodológicos utilizados para futuras análises na pesquisa.

**Nome da Instituição:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_/\_\_/2011

**1 - Rede de ensino da instituição:**

Estadual.  Federal.  Municipal.  Privada.  Outra: \_\_\_\_\_ .

**2 - Introdução na instituição do ensino dos conhecimentos filosóficos:**

Antes do ano de 2008  Depois do ano de 2008  Não há

**3 - Níveis de ensino em que há disciplina de Filosofia:**

Infantil.  Fundamental.  Médio.  Não há Filosofia.

**4 - Modalidade de ensino da Filosofia:**

Disciplina.  Interdisciplinar.  Transdisciplinar.  Não há Filosofia.

**5 - Número de aulas de Filosofia por semana em cada turma? \_\_\_\_\_ .**

**6 - Professor(e)s de Filosofia na Instituição:**

**Quantidade:** \_\_\_\_\_ .

**Graduados:** \_\_\_\_\_ .

<p><b>Pós-graduados:</b> _____ .</p> <p><b>Tempo no cargo:</b> _____ .</p>
<p><b>7 - Situação funcional do professor de Filosofia:</b></p> <p>( ) Concursado efetivo. ( ) Concursado contratado ( ) Contratado</p>
<p><b>8 - Anos em que a disciplina de Filosofia está presente:</b></p> <p>( ) Anos iniciais.</p> <p>( ) 1º ano do ensino médio.</p> <p>( ) 2º ano do ensino médio.</p> <p>( ) 3º ano do ensino médio.</p> <p>( ) Outros: _____ .</p>
<p><b>9 - Os Programas de ensino de Filosofia da escola baseiam-se:</b></p> <p>( ) PCNs</p> <p>( ) Programas exigidos nos processos seletivos de Universidades ou demais Concursos.</p>
<p><b>10 - Há livros específicos de Filosofia na Biblioteca da Instituição?</b></p> <p>( ) Sim. ( ) Não.</p>
<p><b>11 - Dia da semana e turno em que são oferecidas as aulas de Filosofia:</b></p> <p>( ) Segunda feira ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite</p> <p>( ) Terça feira ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite</p> <p>( ) Quarta feira ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite</p> <p>( ) Quinta feira ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite</p> <p>( ) Sexta feira ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite</p>
<p><b>12 - Na semana de prova:</b></p> <p>( ) Há um dia reservado exclusivamente para a prova de Filosofia.</p> <p>( ) Há um dia reservado para a prova de Filosofia associada com outra disciplina.</p> <p>( ) A prova de Filosofia não consta na semana de prova é agendada pelo docente.</p> <p>( ) Não há prova de Filosofia.</p>



**PPEDU - Programa de Pós-Graduação em Processo Socioeducativos e Práticas Escolares**

**QUESTIONÁRIO (direcionado aos professores de Filosofia)**

No ano de 2008 o Congresso Nacional Brasileiro aprovou a lei 11.684/08, que institui a obrigatoriedade para as todas as instituições escolares com ensino médio de oferecerem a disciplina de Filosofia. Todas as disciplinas existentes no currículo escolar têm seus desafios e nossa pesquisa se debruça sobre os desafios enfrentados pelos docentes de Filosofia no ensino médio. As instituições de ensino da cidade de Barbacena/MG com seus respectivos docentes de Filosofia representam o universo pesquisado. Os resultados obtidos serão apresentados para titulação de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSJ. O presente questionário integra o conjunto de recursos metodológicos utilizados para futuras análises na pesquisa.

**Nome da Instituição:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_/\_\_/2011

**1 - Atuação na escola:**

- ( ) Apenas como docente.
- ( ) Área administrativa.
- ( ) Direção.
- ( ) Área pedagógica.
- ( ) Outras áreas: \_\_\_\_\_ .

**2 - Projetos da disciplina de Filosofia na escola:**

- ( ) Projeto interdisciplinar. Qual: \_\_\_\_\_ .
- ( ) Projeto específico da Filosofia. Qual: \_\_\_\_\_ .
- ( ) Não há projetos no momento.

**3 - Uso de livros didáticos de Filosofia:**

- ( ) Uso livro didático. Qual: \_\_\_\_\_ .
- ( ) Não uso livro didático.

**4 - Tempo de atuação como professor de Filosofia?** \_\_\_\_\_ .



<p><b>5 - Atividades extra-classe:</b></p> <p>( ) Sim. Quais: _____ .</p> <p>( ) Não.</p>
<p><b>6 - Leciona em outra Instituição:</b></p> <p>( ) Sim. Quais: _____ .</p> <p>( ) Não.</p>
<p><b>7 - Recursos didáticos-pedagógicos utilizados:</b></p> <p>( ) Seminários ( ) Teatro ( ) Músicas ( ) Vídeos ( ) Outros: _____</p>
<p><b>8 - Que temas procura trazer para a sala de aula?</b></p>
<p><b>9 - Aceitaria ser entrevistado (a) sobre os desafios que enfrenta como docente da disciplina de Filosofia:</b></p> <p>( ) Sim. ( ) Não.</p>



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_,  
identidade número \_\_\_\_\_, declaro que concordo que o conteúdo das entrevistas concedidas a Washington Luiz de Oliveira Soares seja utilizado na pesquisa intitulada: *Um Estudo Sobre os Desafios de Ensinar Filosofia nas Escolas com Ensino Médio na cidade de Barbacena/MG*. Sinto-me esclarecido(a) para participar voluntariamente da pesquisa, sabendo também que me é garantido o anonimato. Participo, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido e por isso assino o presente Termo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Local e data

**PPEDU - Programa de Pós-Graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares**

**ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO		
NOME:		
SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO		IDADE:
GRADUAÇÃO:	INSTITUIÇÃO/ANO:	
PÓS-GRADUAÇÃO:	INSTITUIÇÃO/ANO:	
CARGO:	TEMPO NO CARGO:	
LECIONA NA REDE: ( ) Municipal ( ) Estadual ( ) Federal ( ) Privada		
OBJETIVO: Identificar os diversos desafios enfrentados pelos docentes da disciplina de Filosofia em escolas com ensino médio na cidade de Barbacena/MG.		
CATEGORIAS	PERGUNTAS	OBSERVAÇÕES
FORMAÇÃO ACADÊMICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual é seu curso de graduação?</li> <li>- A instituição em que graduou preocupou-se com a sua preparação para ensinar Filosofia? Quanto a isso quais desafios você enfrenta? (somente para o professor formado em Filosofia)</li> </ul>	
LEGISLAÇÃO OFICIAL	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como você avalia a lei 1641/08 que tornou obrigatório o ensino de Filosofia nas escolas com ensino médio?</li> <li>- Você conhece as diretrizes do PCN de Filosofia?</li> <li>- Você conhece o CBC (Conteúdo Básico Comum) para Filosofia adotado pela Secretaria de Educação de Minas Gerais?</li> <li>- Você conhece as Orientações Pedagógicas para Filosofia indicadas pela Secretaria de Educação de Minas Gerais?</li> <li>- Você procura adotar as diretrizes do PCN de Filosofia?</li> <li>- A partir das legislações de ensino, sobretudo voltadas para o ensino de Filosofia, quais desafios você percebe entre legislação e prática?</li> </ul>	

COTIDIANO ESCOLAR	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais desafios você enfrenta no dia a dia da escola com relação ao ensino de filosofia?</li> <li>- Como você avalia a receptividade da disciplina de Filosofia entre os estudantes da escola?</li> <li>- Como os professores das outras disciplinas lidam com a presença da disciplina de Filosofia?</li> <li>- Como os funcionários da escola dos setores administrativos lidam com a presença da disciplina de Filosofia?</li> </ul>	
CONTEÚDOS ENSINADOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como você prepara suas aulas para a disciplina de Filosofia? Quais são seus objetivos? Quais conteúdos você apresenta nas suas aulas? Você faz exercícios com seus alunos? Quais autores ou filósofos você gosta de utilizar nas suas aulas? Você adota alguma bibliografia para preparar suas aulas?</li> <li>- Quais temas você procura ensinar nas suas aulas de Filosofia? Por que esses temas?</li> <li>- Para você como se ensina Filosofia?</li> <li>- O que é a Filosofia para você?</li> <li>- Para você o que é um professor de Filosofia?</li> </ul>	
RECURSOS METODOLÓGICOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Você adotou algum livro didático? Qual? Por que esse livro?</li> <li>- Como você avalia os livros relacionados com a Filosofia na biblioteca da escola?</li> <li>- Quais recursos metodológicos você utiliza nas suas aulas? Por que utiliza esses recursos? Quais os desafios de utilizá-los?</li> <li>- Você organiza seminários? Como eles são realizados? O que enfrenta de dificuldades quando faz um seminário?</li> </ul>	As perguntas relacionadas com a prática de seminários foram formuladas porque no questionário aplicado aos professores a maioria disse que utiliza de seminários nas suas aulas de Filosofia.
AVALIAÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais métodos de avaliação você utiliza nas suas aulas?</li> <li>- O que você pensa sobre a semana de prova? Qual o lugar da Filosofia na semana de prova?</li> </ul>	

	- Como você avalia existir a necessidade de uma prova de Filosofia?	
DIFICULDADES	- Quais dificuldades você enfrenta como professor de Filosofia no ensino médio?  - O que já fez ou tentou fazer para superar essas dificuldades?	
INTERDISCIPLINARIEDADE	- Como você avalia a relação da Filosofia e as demais disciplinas?  - Na escola em que leciona a disciplina de Filosofia encontra um espaço interdisciplinar?	
PROJETOS	- Na escola em que leciona há algum projeto específico ou interdisciplinar com a Filosofia? Qual?  - Como esse projeto é desenvolvido?  - Quais desafios você se depara ao desenvolver esse projeto?  - Quais são as vantagens obtidas com o projeto na sua relação com o ensino de filosofia?	No questionário aplicado aos docentes três deles disseram possuir projetos específicos de Filosofia na escola.